

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

JULIANO LEAL CAMARGO

FABICO: UMA MEMÓRIA A RESGATAR

PORTO ALEGRE
2009

JULIANO LEAL CAMARGO

FABICO: UMA MEMÓRIA A RESGATAR

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira

Co-orientador: Prof. Dr. Rafael Port da Rocha

PORTO ALEGRE
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Opermann

FACULDADE DE BIBLIOTECOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Regina Van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Titular: Ana Maria Moura

Suplente: Helen Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECOLOGIA:

Titular Glória Ferreira

Suplente: Samile Vanz

CIP Catalogação na Fonte

C172f Camargo, Juliano Leal

FABICO: uma memória a resgatar / Juliano Leal Camargo ; orientadora Lizete Dias de Oliveira, co-orientador Rafael Port da Rocha. – Porto Alegre, 2009.

77 f.

Monografia (bacharelado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2009.

1. Memória Social. 2. Memória Institucional. 3. Oralidade. 4. FABICO. 5. Web 2.0. I. Oliveira, Lizete Dias de. II. Rocha, Rafael Port da. III. Título.

CDU: 378.6(816.5)FABICO

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705 – Sala 507

Porto Alegre/ RS - 90035-007

Tel.: 3308–5067

Fax: 3308–5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

JULIANO LEAL CAMARGO

FABICO: UMA MEMÓRIA A RESGATAR

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra Lizete Dias de Oliveira

Co-orientador: Prof. Dr. Rafael Port da Rocha

Aprovado em 9 de dezembro de 2009, pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof. Dr Lizete Dias de Oliveira

Co-orientador: Prof. Dr. Rafael Port da Rocha

Profa. Ma. Maria do Rocio Fontoura

Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz

Em primeiro lugar, agradeço, pelo esmero, a meus pais Rui e Carolina Camargo e a meu irmão *pai apo* Kelton, que proporcionaram minha educação.
Para Felipe Chemale, pela força e apoio dado.
Aos amigos de adolescência: Janine Santiago, Milton Guerra e Michele Trindade.
Aos amigos que ganhei e me ajudaram nesta jornada: Andréa Freitas, Valéria Frantz, Janaína Leite.
A minha orientadora e incentivadora Lizete Dias de Oliveira.
E à Virgem, mãe de Deus e de todos nós.

RESUMO

Estudo elaborado com o objetivo de resgatar a memória da FABICO (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação), servindo-se de subsídios que a memória social e a oralidade podem proporcionar, bem como da pesquisa bibliográfica. Como ponto de partida, foram utilizadas entrevistas produzidas por alunos da disciplina BIB 03202 - História do Rio Grande do Sul Aplicada à Ciência da Informação 2008/2. Todo o material documental e iconográfico aproveitado e elaborado pelo presente estudo compõe o projeto CIM FABICO (Centro de Informação e Memória). Este projeto propõe-se, também, a testar uma ferramenta específica como suporte armazenador dos fragmentos de memória recolhidos (web 2.0), abrigando-os em uma base de dados, para a organização e criação de documentos que venham a enriquecer a memória da FABICO, editados no projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Social. Memória Institucional. Oralidade. FABICO. Web 2.0.

RIASSUNTO

Saggio scritto collo scopo di riscattare la memoria della FABICO (Facoltà di Biblioteconomia e Comunicazione), adoperando dei sussidi ofertisi dalla memoria sociale e tramite la oralità, altresì giovandosi di una acurata ricerca bibliografica. Come punto di esordimento, furono utilizzati delle interviste ottenute dagli allievi della disciplina BIB 030202 – Storia del Rio Grande del Sud Applicata alla Scienza della Informazione-2008/2. Tutto il materiale e documentale ed iconografico sfruttato ed ingegnato in questa indagine è stato inserito nel progetto chiamato CIM FABICO (Centro di Informazione e Memoria). Sidetto progetto si propone anche a sperimentare un attrezzo specifico confacente a ricoverare frammenti mnemonici raccolti (web 2.0), alloggiandoli in un repository di dati, acciocché siano reperibili e innanzitutto sempre intenti alla sistematizzazione e creazione di altrettanti documenti, i quali possono arricchire il bagaglio di memorie della FABICO editi in codesto lavoro.

PAROLE CHIAVE: Memoria Sociale. Memoria Istituzionale. Oralità. FABICO. Web 2.0

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de metadados Dublin Core Simple	30
Figura 2 - Exemplo de elementos qualificados	31
Figura 3 - Exemplo de tags	33
Figura 4 - Fragmentos do artigo Web Social: impacto no comportamento informacional na produção do conhecimento	35
Figura 5 - Foto da construção do prédio que hoje abriga a FABICO	45
Figura 6 - Foto atual do prédio da FABICO	46
Figura 7 – DACOM	48
Figura 8 – CABAM	48
Figura 9 - Primeira sede da Faculdade de Economia e Administração, onde o Curso de Biblioteconomia iniciou, cujo prédio hoje é o ocupado pela Faculdade de Direito	52
Figura 10 - Quarta sede do Curso de Biblioteconomia, a Faculdade de Ciências Econômicas	52
Figura 11 - Prédio da antiga Faculdade de Filosofia, onde o Curso de Jornalismo funcionava	58
Figura 12 - Imagem do editor de texto do ambiente Fabrico	59
Figura 13 - Lista de textos	60
Figura 14 - Lista de links (bookmarks)	61
Figura 15 - Assunto “biblioteconomia”	61
Figura 16 - Classes de hierarquia	62
Figura 17 - Códigos das imagens no ambiente	65
Figura 18 - Foto recuperada através do link	65
Figura 19 – Metadados	66
Figura 20 - Nuvem de assunto	67
Figura 21 – Museologia	67
Figura 22 - Nuvem de pessoas	68
Figura 23 - Pessoa selecionada	68
Figura 24 - Entrevista da pessoa selecionada	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 INFORMAÇÃO E MEMÓRIA	13
2.1 MEMÓRIA SOCIAL.....	14
2.2 MEMÓRIA INSTITUCIONAL	22
3 WEB 2.0.....	25
3.1 BASES DE DADOS DE REFERÊNCIA OU FONTE	27
3.2 METADADOS	28
3.2.1 Metadados Dublin Core.....	29
3.3 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA INFORMAÇÃO	31
3.4 AMBIENTE WIKI.....	34
4 UM CIM PARA A FABICO	37
4.1 UM HISTÓRICO	38
4.1.1 Do Prédio	39
4.1.2 Diretórios Acadêmicos.....	46
4.1.3 Departamento de Ciência da Informação.....	49
4.1.3.1 Curso de Biblioteconomia.....	49
4.1.3.2 Curso de Arquivologia	53
4.1.3.3 Curso de Museologia.....	54
4.1.4 Departamento de Comunicação.....	54
4.1.4.1 Curso de Jornalismo	55
5 AMBIENTE FABRICO (o que é).....	59
5.1 GESTÃO DO ACERVO DO PROJETO CIM / FABICO	62
5.2 TIPOLOGIA DOCUMENTAL DO CIM FABICO	63
5.3 VANTAGENS E LIMITAÇÕES DA FERRAMENTA (FABRICO) ..	69
6 CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	73

1 INTRODUÇÃO

Desde sua criação, em 1970, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO – registrou muito pouco sua memória. Fatos, acontecimentos e a própria junção em um mesmo prédio, que ocupa até hoje, com certo distanciamento de seus dois primeiros cursos, Biblioteconomia e Documentação e Jornalismo, deixaram de ser registrados documentalmente, ficando guardados nas memórias individuais, em um período em que as pessoas temiam expressar suas opiniões. Apesar de não haver riqueza de registros e assentos documentais, assoma, em testemunhos da oralidade dos participantes da história institucional, a versão de que dita união, feita em um período de chumbo, conturbado e sem liberdade de expressão, teria objetivado, antes de tudo, o enfraquecimento da política estudantil, notadamente a dos Institutos da Filosofia e do Jornalismo, vistos, então, como focos subversivos.

Assim, a junção, em um mesmo prédio, de cursos distintos como a Biblioteconomia e o Jornalismo (este último, destacado da Faculdade de Filosofia, no lendário campus central) acarretou certa animosidade no convívio dos primeiros anos.

A convivência entre os dois cursos não foi pacífica e, segundo depoimento de professores, os dois cursos repartiam o espaço físico compartilhando uma desconfiança recíproca. Herdeiro político e pedagógico da SNICT, dentro da lógica da Segurança Nacional, o Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFRGS era injustamente identificado como um representante da repressão de forma automática e sem muita reflexão, informação tornou-se sinônimo de delação, ao passo que comunicação tornou-se sinônimo de clandestinidade. (OLIVEIRA; ROCHA, 2009, p. 389).

A memória institucional da FABICO foi deixando de ser registrada e acontecimentos de épocas não muito distantes, esquecidos. O que teria sentido um aluno nos anos inaugurais da faculdade? Com que cautela, naqueles tempos de delação, o professor devia ministrar sua aula? Por força da repressão e de um certo descaso, a memória da instituição a que estamos vinculados não foi

sendo registrada. O que se deu não apenas na FABICO, mas em muitas instituições de ensino universitárias federais.

Hoje, a memória institucional é um saber quase “clandestino” na própria instituição universitária. Habita uma espécie de limbo, dotado de prestígio simbólico, mas desprovido de um plano de expressão consistente que ofereça à memória institucional um canal efetivo de acesso para a comunidade universitária. (MATOS, 2004, p.35)

A memória institucional nas instituições federais de ensino (IFES), de certa forma, vem sendo tratada como um recorte de épocas, ou seja, o rememorador grava em seu inconsciente somente o que viveu e achou interessante dentro do contexto institucional, registrando em sua memória individual só os fatos acontecidos durante sua experiência acadêmica (docente ou discente).

Seguindo essa tendência, o memorizador repensa o curso universitário num corte temporal limitado, restrito à sua vivência, ignorando o histórico da unidade de ensino a que está vinculado, desconhecendo a forma como a instituição foi construída e a participação de seus principais colaboradores, porque a ele não é dado acesso a esse tipo de informações, nem, ao menos, lhe é fomentado o interesse por tais indagações.

As instituições, também, em sua vida orgânica, foram funcionando automaticamente, desapercibidas de sua história, sem tempo para conhecerem-se, para saberem como foram formadas e a que fim dirigidas.

A idéia central, de recolher fragmentos de memória da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO, que estão dispersos pela comunidade de fabicanos e ex-fabicanos, surgiu da preocupação com o passado institucional, pela busca de suas identidades, contemplando as divisões características entre seus dois departamentos.

Tendo como ponto de partida, para a construção da memória recente, neste trabalho estão sendo usados trabalhos acadêmicos propostos na disciplina BIB 03202 2008/2 História do Rio Grande do Sul Aplicada à Ciência da Informação, onde alunos recolheram grande quantidade de entrevistas que pudessem recuperar parte da história recente da instituição. Para elaboração

deste, pesquisou-se em diversas fontes materiais que pudessem trazer uma luz histórica que clareasse os contornos do passado recente: portarias, circulares, artigos acadêmicos, informações disponibilizadas via web, bem como o material fotográfico obtido especialmente para este estudo, e pesquisa no acervo de fotos relativas à FABICO do Museu da UFRGS, tudo peneirado no escopo de enriquecer o trabalho.

Além de todo o material documental e iconográfico que foi separado para fazer parte do projeto CIM FABICO (Centro de Informação e Memória), sentiu-se a necessidade de elaborar um histórico individualizado do prédio, Centros acadêmicos e, por fim, dos Cursos que compõem a Faculdade, para um melhor entendimento de sua história e seus desdobramentos através dos anos. Mas a carência de material, principalmente dos Cursos de Publicidade e Propaganda e de Relações Públicas, fez com que o histórico se fragmentasse, descrevendo os Cursos por Departamentos, todo o material disponível na página será futuramente disponibilizado para a comunidade universitária, atualmente o acesso ao projeto só é permitido a pessoas envolvidas na sua elaboração.

Utilizou-se o método de pesquisa qualitativo, através da técnica de pesquisa exploratória. A opção pelo método qualitativo deu-se pelo estudo ser de natureza social e não ter quantificação, e a pesquisa ou estudo exploratório, pela reunião de material investigado.

Sobre o método qualitativo descreve Bradley (1993 apud DIAS, 2000) “[. . .] o pesquisador é um interpretador da realidade.”

Ao pesquisador é dado o direito de pesquisar e interpretar aquilo que os frutos colhidos, por sua sondagem, teriam a testemunhar sobre uma reconstrução de uma realidade, que, embora facetada, oferece uma versão resgatável dos fatos. Em outras palavras, os fatos não são recuperáveis em sua integralidade.

Nesta vertente de pensamento, Bosi (2003 p. 49) acentua: “Logo no início o pesquisador deve enfrentar o fato de que uma história de vida, ou mil histórias de vida jamais substituirão um conceito ou uma teoria da história.” Tecendo a malha desses fragmentos de memória individual e coletiva, interconectando

dados oriundos de diferentes fontes, o pesquisador recompõe, quase como um restaurador, um passado que se estava por esquecer.

Tendo como objeto de estudo a memória social e Institucional, valendo-se dos recursos que a web 2.0 proporciona para armazenagem da informação, todos os materiais provenientes deste estudo estão disponíveis em ambiente virtual. O objetivo geral é resgatar os fragmentos da memória da FABICO, tendo como ponto de partida as entrevistas e fotos recolhidas pelos alunos no semestre de 2008/2 são utilizadas para pesquisa e enriquecimento de um projeto maior que é o CIM FABICO. Assim, o material sobre a história de quem faz ou fez parte da comunidade universitária da FABICO não se dispersa, ficando reunido. Especificamente, este estudo tenta fazer um resgate da Memória institucional da FABICO, testar uma ferramenta específica como suporte armazenador dos fragmentos de memória recolhidos (web 2.0) e armazenar, em uma base de dados, os trabalhos produzidos durante o semestre 2008/2, por alunos da disciplina BIB 03202, e outros materiais supracitados.

Referidos materiais serão depositados em um ambiente denominado FABRICO, onde o projeto CIM FABICO está inserido, o FABRICO foi criado pelo Professor Dr. Rafael Port da Rocha, e se configura em uma Base de Dados e serve-se de recursos tecnológicos advindos da Web 2.0.

Este trabalho divide-se em quatro capítulos: o primeiro aborda a questão da informação e da memória, trazendo um histórico sobre memória social, com enfoque em vários autores e suas pesquisas, e no atinente à memória institucional, buscando enfatizar mais o lado emocional, ressaltando o que cada pessoa com a bagagem de suas lembranças pode representar e contribuir dentro de uma engrenagem institucional.

O segundo capítulo trata da questão web 2.0 e todas as tecnologias que surgiram na esteira desta, como, por exemplo, a possibilidade de descrever assuntos, através de metadados, o que facilita a recuperação de documentos, e faz com que este recurso torne-se mais fácil para seus usuários. Outrossim, apresenta uma breve explanação sobre base de dados, a qual surgiu no cenário da informática bem antes da web 2.0, sendo implementada com tecnologias atuais, provenientes de novos avanços tecnológicos.

O terceiro capítulo, intitulado Um CIM para a FABICO, abre com uma exposição do que é o CIM FABICO, feita a modo de uma declaração de amor à Faculdade. Nesse capítulo, buscou-se material para a confecção do histórico da FABICO, um histórico que para ser construído demandou a busca de materiais elucidativos de como, por exemplo, era o terreno onde está instalada a FABICO hoje, para que fim o prédio foi construído, etc. Muitas dessas respostas foram encontradas em material disponível na Faculdade de Arquitetura, em um relatório do reitorado de Elyseu Paglioli, reitor à época da obra, sendo outras obtidas na biblioteca setorial da Biblioteconomia e Comunicação, onde o conhecimento da bibliotecária Miriam Loss foi muito válido à orientação da pesquisa. Alguns materiais foram coletados junto à direção da Unidade, bem como no Programa de Pós-Graduação Comunicação e Informação (PPGCOM), este último tendo sua memória muito bem registrada e de fácil acessibilidade.

O quarto, e último, capítulo descreve o ambiente FABRICO, como esse se configura, suas possibilidades de armazenamento, suas ferramentas para recuperação da informação e criação de textos em ambiente colaborativo, seus links, os critérios para um documento permanecer ou ser excluído do ambiente, a tipologia dos documentos que compõem o projeto, ou seja, explicita a definição do que foi colocado nesse ambiente virtual.

Dessa forma, o presente estudo busca trazer alguma contribuição para a memória da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO, de modo que materiais sobre a mesma e seus atores fiquem disponibilizados em um projeto maior, que é o CIM FABICO, o qual, por ser orgânico, possibilitará a participação de outros colaboradores para um maior enriquecimento da memória institucional da FABICO.

2 INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Nada, talvez, evidencie de modo tão nítido a fragilidade humana do que a fugacidade da sua memória. O homem, comprimido pela consciência de toda sorte de limitações, e, por outro lado, incapaz de a elas conformar-se, desde o início dos tempos, luta para sobreviver, não só fisicamente, mas também espiritualmente, cercando de perpetuar-se em seu mundo circunstante, deixando vestígios, lembranças de sua passagem, heranças de seus feitos, legados de suas aquisições, materiais e intelectivas. Mas, a fugacidade da memória e a capacidade de reter fatos sempre desafiou o homem, inseguro e vaidoso, em seu afã de combater a volatilidade das idéias, o enfraquecimento das lembranças, o desfazimento de tudo o que é criado, imaginado, em fim. Tudo votado ao olvido, à morte.

Para tanto, lançou mão de diversos expedientes, procurando armazenar, não só riquezas corpóreas, mas também seu patrimônio afetivo, cultural, filosófico e científico, consolando sua vaidade ferida de ser consciente de sua finitude, atormentado por sua dependência e ignorância na contemplação e exibição de seus feitos e prodígios. Na senilidade progressiva das idades, no desperdício das faculdades, no extravio das idéias, no esmaecer das imagens, no apagar-se paulatino das lembranças, vez à outra mais desbotadas, o homem debate-se para reesculpir sua própria cara na face do tempo, ávido de perpetuar-se, rejuvenalizado, na contemplação narcísica de seus ideais, de sua criação, como alguém que tenta recuperar do espelho os traços, os lineamentos, que este, desapiedadamente, lhe vai furtando a cada dia... Assim, foi documentando, apontando, registrando, através de sinais, da escrita, das artes, da fotografia, das filmagens e gravações. Guardando para não perder, armazenando para conservar seus cabedais. Para anular-se um homem, bastaria extrair-se-lhe a memória de si, de seu passado, de sua cultura, para que não houvesse possibilidade de futuro. Em maior escala, uma cultura ou civilização que não cultue e cultive sua memória, está fadada a ser dominada, aculturada.

2.1 MEMÓRIA SOCIAL

A sociedade industrial e a atual era informático-robótica vêm deixando pouco tempo às humanidades, preenchendo a vida do ser humano de atividades repetitivas, indiferentes aos seus interesses e emoções, num afã de instantaneidades descartáveis, num preguiçar de acessibilidades facilitadas, e numa alienação das atividades laborais, que passam a formar um caudal de horas mortas, sonolentas, espaços brancos de memória, onde nada é retido, porquanto a memória é permeada de forte conotação afetiva, e aquilo que não toca o rememorador é descartado, apagado.

Mais e mais prepondera a memória-hábito, que, conforme Bosi, (2003, p. 52) é vista como: “repetição do mesmo esforço, adestramento cultural.” Aquela retenção e recuperação de lembranças socializadas, de valores e status consolidados e repetidos, ganha primazia sobre a memória-pura, espontânea evocação que transita do presente ao passado e ao futuro, o que produz inevitável esvaziamento da capacidade narrativa.

Importante observar que a memória, desde os gregos que a deificaram como uma entidade, Mnemósine, era vista como fundamental para afirmação da existência e para o domínio epistemológico do homem, haja vista que dela – Mnemósine – fizeram nascer as nove Musas, inspiradoras das artes e ciências.

É verdade, porém, que nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, “racionalizando” as horas de vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil. (BOSI, 2003, p. 53).

Conforme Gondar (2005, p. 15), a memória social, “como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente.” Trata-se aqui, não de inter ou multidisciplinaridade, mas, sim de transdisciplinaridade, de outra parte não se ignora o forte componente ideológico na

perpetuação da memória social. Nas palavras de Gondar (2005 p. 17): “Há sempre uma concepção de memória social aplicada na escolha do que conservar e do que interrogar.” Uma rememoração ou documento, que tenham chegado até nós, vieram filtrados e repaginados por uma vontade, de classe ou política, de sua geração ou das seguintes; interessadas em sua perpetuação.

Somente na atualidade a memória passa a ser vista como uma construção processual e não como uma expressão da verdade do que se passou. Filosofia, Psicologia Social, Sociologia, colaboram com o estudo da construção da memória. Nora¹ (1993 apud GONDAR, 2005 p. 21) concebe o tempo como degradação: “Os lugares de memória são construídos porque perdemos os meios de memória, sendo preciso reparar o dano.” O ser busca a perpetuação do ser, o permanecer, cercado-se de objetos afetivos, de símbolos que testemunhem seus valores e os de seu grupo social. Nessa esteira, insere-se a significação da memória familiar ou institucional, conservadora dos marcos da identidade individual, referenciando e contextualizando o memorizador em objetos de sua identificação.

A memória individual, coletiva, transgeracional, histórica, ou sob qualquer denominação que possa receber, ao talante do furor classificatório, é sempre seletiva, discriminatória. A memória é elemento manipulável da construção histórica, é dela a urdidura do que será transmitido, inoculado nas gerações que se sucedem.

Vestígios são também as relíquias, e com este termo queremos designar qualquer fragmento de um ser ou de um objecto inanimado que, tal como uma imagem objectiva, pode ser transmitido de indivíduo para indivíduo, de geração para geração. Imagens e relíquias apresentam-se ambas sob a forma de coisas, e ambas se encontram nas colectâneas, nas colecções, que são precisamente a correlação objectiva da memória especificamente humana que é a memória colectiva e transgeracional. (POMIAN, 2000, p. 508).

Há vários campos da tradição mnemônica, desde os narradores, contadores da era pré-advento da escrita, passando pelos compiladores, escribas, arquivistas reinóis, até aos marqueteiros e formadores de opinião da mídia hodierna, todos serventes ao poder, tramando, com os filamentos da rememoração e dos instáveis

¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, n. 10, 1993.

registros dos grupos sociais, que reconstróem um passado ideal, para exaltar determinadas lideranças e ideologias.

No caso de um ser humano, é igualmente a capacidade para repetir os comportamentos aprendidos, mas também de ressuscitar as impressões ou os sentimentos já vividos ou de os descrever oralmente [. . .]. (POMIAN, p. 508).

A memória é a depositária da herança das civilizações, dos povos, das castas, classes sociais, da família, dos agrupamentos, das tribos. Graças a ela, um jovem do século XXI já se desenvolve com uma bagagem de afinidades e de identificações ou rejeições, dirigidas ao antigo, ao passado. O ser vivente da modernidade convive com figuras históricas, como Alexandre Magno, como se essas fizessem parte de sua pré-memória, como se fossem reminiscências de seu universo de conhecimento. Por este prisma, a memória é acervo cultural das gentes, patrimônio compartilhável e intersubjetivo dos indivíduos, arte da civilização em narcísico reconhecimento e mutação.

Na prática, esta arte da memória é uma arte da linguagem: ensina a conservar as narrativas e permite, pois, a um indivíduo tornar-se o depositário das recordações daqueles a quem nunca conheceu porque morreram muito antes do seu nascimento. Assim se forma a tradição oral que, durante milénios, constituiu o principal conteúdo da memória colectiva e transgeracional. (POMIAN, p. 509).

A memória é, em boa parte, eletiva, e cinge suas muralhas e fronteiras, disputa a primazia de exaltar seus faustos e os de sua grei. Assim, podemos ter a memória coletiva de um determinado período histórico, como o da Resistência francesa ao nazismo, cindida entre a dos gaullistas e comunistas, os quais recriam suas lembranças para servir a determinado ideologismo.

A priori, a memória parecer ser um fenómeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenómeno coletivo e social, ou seja, como um fenómeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 201).

A memória é compilatória, arbitrária em sua seletividade, permeada ideologicamente, propelida afetivamente, instável em suas variantes. Em seus estudos, Michael Pollak observou que as mulheres francesas que testemunharam a tomada e libertação da Normandia, na Segunda Guerra, demonstraram-se aptas a relembrar datas precisas de uma memória da vida privada, consistente em nascimentos, bodas, óbitos, mas incapazes de precisar fatos da vida pública. Já seus maridos, que ocupavam cargos e participavam das lidas políticas, lembravam-se, com precisão, de datas dos combates, da libertação, sendo vagos quanto à fixação das efemérides domésticas.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de 'vividos por tabela', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p. 201).

Outro fenômeno mnemônico corrente é o da transferencialidade do registro memorável, ou seja, para exemplificar: franceses que se reportavam às reminiscências da Segunda Guerra, seguidamente descreviam os soldados alemães com a farda e o capacete de ponta utilizados na Primeira Guerra, porque sua memória ficara impregnada pela descrição feita por seus pais dos boches prussianos. A memória é tão intrincada que se deixa permear por componentes idealizados, imaginários, fantásticos, que coexistem com os factuais, entretecendo quadros e perfis, às vezes, heróicos, ou, também, prosaicos.

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos. É o caso, na França, da confusão de fatos ligados a uma ou outra guerra. (POLLAK, 1992, p. 202).

A memória elege seus elementos: fatos, pessoas, lugares, grupos, e fixa, com forte coloração ideológica, suas imagens, maquiladas pela sensibilidade do rememorador e pela influência dos ideologismos e das estéticas vigentes, traçando

uma historiografia subjacente, informal, porém: “[. . .] a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (POLLAK, 1992, p. 203).

Esse último elemento da memória – a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento – mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, lembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 204).

A memória não é una, pelo reverso, é díspare, dialética, mitificadora, em algumas vertentes. Classes sociais, grêmios políticos ou esportivos sedimentam seus currículi mnemônicos ao sabor de suas parcialidades afetivo-ideológicas, numa promíscua miscibilidade de elementos racionais e irracionais, a ponto de uma mesma época, movimento ou fato histórico, ser apropriado e recriado por memórias coletivas e individuais em tudo contrapostas, engendradoras de lembranças e cultos divergentes em conteúdo e forma.

Pensar a memória como uma reconstrução racional do passado, erigida com base em quadros sociais bem definidos e delimitados, como o fez Halbwachs, leva-nos a um tipo de posicionamento político; afirmar, em contrapartida, que a memória é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-a como um foco de resistência no seio das relações de poder, como propôs Foucault, implica outra ética e outra posição política. (GONDAR, 2005, p.16).

A memória reveste-se também do ingrediente do oportunismo mnemônico, que se embala na relatividade de tudo o que fica nas brumas do oblívio. Resgata-se o que convém, ressalta-se aquilo que nos exaltar. A história política já foi composta e decomposta em tantos modos, ao apetite dos poderosos, que a memória da mídia, da opinião pública, da sociedade já se moldou, anestesiou e exorcizou infinitamente, de geração em geração, de era em era.

Nos anos 50, Jean Moulin aparece como um dos líderes da Resistência que pouca gente conheceu pessoalmente. Depois do traslado do seu corpo para o Panthéon, e do seu reconhecimento como líder incontestado da Resistência interna, ou seja, como aquele que foi enviado por Londres e realizou a obra de unificação dos diversos grupos da Resistência, ele passou a ser conhecido pessoalmente por todos. (POLLAK, 1992, p. 206).

Despiciendo seria apor-se, neste passo, a conclusão de que a memória, assim como a informação, são alvo do assalto constante, acossador dos aparatos de poder, dos difusores das teorias de dominação massiva. Isso é já consabido, algo incorporado à banalização de todas as formas de violência contra a individualidade.

Le Goff, no seu livro 'História e memória', faz um percurso através da história, desde a Grécia arcaica até os dias atuais, onde afirma que os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores de 'mecanismos de manipulação da memória coletiva por parte de classes, de grupos, de indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas', revelando também a preocupação destas categorias em tornarem-se 'senhores da memória e do esquecimento'. (LUCAS, 1998, p. 88).

Por outro lado, pode-se, também, buscar o robustecimento de uma memória de resistência à ocupação daquela memória alienígena, reforçando as fontes naturais, puras, de onde brota a sabedoria de uma nação – a oralidade, o resgate das tradições culturais genuínas, a conscientização dos excluídos, o culto da identidade.

A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do quotidiano. Mas ela sempre corre o risco de cair numa 'ideologização' da história do quotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica. Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. A literatura conhecia já esta prática pelo menos desde o Romantismo: Victor Hugo faz surgir Notre Dame de Paris num quadro popular medieval que a história oficial havia desprezado. (BOSI, 2003, p. 15).

Subjacente à história e às suas fontes alimentadoras oficiais, a tradição oral e a informalidade garantem o resgate da visão e da voz daqueles que não escreveram os acontecimentos, permitindo que sejam sondados os meandros da sociedade. É a história viva, cotidiana, do pretérito e do presente, que se sedimenta na memória do dia-a-dia, do senso comum. É, por outro lado, a possibilidade de se conhecer a história dos vencidos, dos oprimidos, daqueles que não inscrevem seus nomes nas páginas dos compêndios ou nos bronzes dos monumentos.

“No caso da história oral, as pistas são relatos do passado, surgidos a posteriori, portanto. O passado existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras.” (ALBERTI, 2003, p. 1).

Na esteira da elevação da tradição oral à categoria de fonte histórica consagrada, temos o marco, no Brasil, na década de 70, da realização do Primeiro Curso Nacional de História Oral, organizado com a colaboração de quatro instituições: Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Fundação Getúlio Vargas e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, o que levou a implementação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que se propunha a:

[. . .] estudar a trajetória e o desempenho das elites brasileiras desde a década de 1930. A idéia era examinar o processo de montagem do Estado brasileiro como forma, inclusive, de compreender como se chegou ao regime militar (1964-85) então vigente. Com as entrevistas, procurava-se conhecer os processos de formação das elites, as influências políticas e intelectuais, os conflitos e as formas de conceber o mundo e o país. (ALBERTI, 2005, p.160).

As entrevistas, testemunhos de quem viveu essa época (1964-1985) são a única fonte de informação desse período no Brasil: o que aconteceu, somente é relatado por seus participantes. Os arquivos produzidos pelo órgão de investigação vigente a época, o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), que se encarregava de vigiar e investigar todos aqueles que se opusessem ao regime, só foram disponibilizados muito após a queda da ditadura. Mas, a maioria das informações que temos são os trabalhos de pesquisa que nos levam a montar um quebra-cabeça de apenas uma face dos fatos acontecidos. Hoje, tem-se em mãos materiais produzidos por pessoas que se dedicam a investigar sobre este assunto, como, por exemplo, as investigações, muitas vezes feitas na forma de entrevista, sobre o que aconteceu em determinados pontos do país, no Araguaia, ou na fronteira Livramento-Rivera, onde perseguidos políticos vindos de muitas partes do Brasil tinham a utopia de liberdade, passando uma linha traçada por marcos divisórios. A liberdade, no entanto, muitas vezes era vigiada, por colaboracionistas do regime no lado uruguaio.

Ali era necessário fazê-lo “desaparecer” debaixo do nariz dos vigilantes, e fazê-lo “renascer”, por vezes literalmente, do outro lado. Para tanto o conhecimento minucioso do ambiente era indispensável, para se esgueirar entre as pilhas de tábuas de uma estação de trem ou no burburinho de uma rodoviária, quando as pegadas se perdiam para que seus donos pudessem se salvar. (AGUIAR, 2009, p.179).

Seguindo a linha da oralidade através de entrevistas, Marlon Assef fez uma grande pesquisa para sua tese de Mestrado, que acabou resultando em um livro lançado recentemente sobre o período de chumbo na fronteira da paz (1964-85), entrevistando pessoas que arriscaram suas vidas para salvar outras e aquelas que passaram por Livramento para exilar-se em Rivera, bem como os santanenses que buscaram refúgio na cidade vizinha.

Alguns dias depois, no final de outubro, com o meu primo Jeca dirigindo a mais de cem quilômetros por hora estradas de chão batido, atingimos Rivera. Tomei o ônibus para Montevidéu. Meu coração abrigava sentimentos contraditórios [. . .] o cerco as organizações armadas brasileiras me faziam refletir. Eram como umas férias voltar à militância no Brasil. Começaria um exílio que duraria oito anos. (ASSEF, 2009, p.104).

Valioso instrumento de investigação histórica e sociológica é a entrevista, onde o rememorador conta fatos acontecidos no passado ou presente, induzido pela magia alquímica, cabalística, quase hipnótica do pesquisador, daquele que cata, na profundidade lodosa da memória alheia, detalhes reveladores dos acontecimentos que nos chegam pausterizados.

Em um artigo em que faz considerações metodológicas sobre a história oral, Lutz Niethammer, que durante muitos anos coordenou o projeto Lusir, na Alemanha, identifica quatro componentes do “texto” da entrevista. Em primeiro lugar, trata-se do registro de uma interação social (entre entrevistado e entrevistador); em segundo, de uma ou mais versões da história de vida do entrevistado; em terceiro lugar, o texto reúne uma variedade de informações, que podem ser verdadeiras ou não (e cabe ao pesquisador indagar-se sobre sua plausibilidade, comparando-as com outras fontes); em quarto lugar, finalmente, quase toda entrevista contém histórias. (ALBERTI, 2003, p. 6).

A memória está intimamente ligada ao narrar, ao discorrer, desde que habilmente estimulada para tanto. Fazer afluir a memória genuína, liberta das convenções do hábito, é o caminho que possibilita o assomar das sensações puras

sobre o passado, a revivência depurada da reconstrução ideológica operada sobre ela, o frescor da imagem recuperada, transitada e traduzida no presente.

Na tentativa de reavivar a identidade da FABICO, alunos da cadeira BIB 03202 2008/2 (História do Rio Grande do Sul Aplicada à Ciência da Informação) utilizaram-se amplamente da técnica da entrevista, como instrumento de reconstrução da memória institucional, explorando a memória individual dos atores que participaram ou participam da vida acadêmica nesta faculdade. Assim, buscaram com os recortes das memórias individuais, compor um mosaico de informações a respeito da instituição em que estão inseridos.

2.2 MEMÓRIA INSTITUCIONAL

A memória institucional está fortemente ligada às rotinas administrativas de uma instituição, ou seja, com tudo aquilo que no passado foi utilizado como instrumento de tomada de decisão, num enfoque mais voltado para a prática arquivística e documental. “Uma das novidades talvez consista na ruptura da hierarquia entre as modalidades de registro: por exemplo, o escrito com carimbo institucional começa a deixar de ser a única fonte ‘fidedigna’.” (DIFERENTES..., 1991, p. 12). Pois também dever-se-ia prestar atenção no outro viés desta memória, que é o indivíduo que consumiu parte de seu tempo servindo de algum modo à instituição: este tem em suas memórias fatos ocorridos dentro do ambiente institucional e as repercussões dos mesmos sobre ele. No fundo dessa concepção está a constatação de que a instituição é composta de indivíduos, cada um com uma forma de pensar, e de reter fatos, peças para o funcionamento da instituição a que estão atrelados.

Importante acrescentar que, como professora Gondar (2005, p. 25), “não existem memórias fora de um contexto afetivo.” Somos afetados, tocados por odores, sabores, que nos transportam a uma sensação já vivida, uma cidade já visitada, uma catedral, o rosto de uma pessoa que se vê refletido em outra pessoa.

O ser coloca um pouco de si em todas as rotinas de trabalho. Assim, nas instituições de ensino, os estudantes fazem parte da memória de forma diferente, como que em ciclos de estada na instituição. Estes ciclos são importantes para o andamento do todo, reflexos de uma década, lembranças de um tempo, tanto para os que ficam na instituição, como para os que dela saem - o tempo que não volta mais e que, de certa forma, aloja-se na memória de cada um como sendo o melhor período de suas vidas, ou não; tudo dependendo da impressão que a instituição e o momento da vida de cada um exerce sobre o indivíduo. As tentativas, por vezes frustradas, de melhorias e adaptações são feitas por parte da equipe diretiva e dos professores, conforme experiências já vividas dentro da engrenagem institucional.

Isto porque uma instituição pode ser vista como forma fundamental de saber-poder, que se reproduz em práticas sociais, as quais constituem hábitos que, por sua vez, se nutrem de memórias. As instituições selecionam os discursos que fazem circular como verdadeiros: o que deve ser produzido, selecionado, preservado, recuperado, bem como aquilo que dever permanecer em silêncio. (COSTA, 1996, p. 70).

O silenciamento de alguns dentro da engrenagem de uma instituição, com o passar do tempo, pode ser trazido à tona, e tornar-se peça chave na história, haja vista que fatos que foram excluídos podem ter sido assim olvidados inclusive por ordem política superior. Aí, cada membro da sociedade adota uma conduta passiva, aceitando fatos impostos, até o momento de queda de tal situação.

A memória institucional parece invadir as fronteiras do quadro temporal, para suscitar questões do vivido. O que ontem era ocultado, silenciado, segregado, pode hoje apresentar-se como realidade a ser (re)vista no campo institucional. (COSTA, 1996, p. 71).

A memória social e individual vem contribuir com a instituição em vários aspectos, pois no momento em que fatos são suscitados, o indivíduo participante é o principal rememorador destes, viveu o período e pode ser peça fundamental na construção de um passado que, por sua vez, não necessita ser tão remoto. Com a preocupação de sanar outras áreas, a memória deixa de ser contemplada como peça importante dentro de organizações.

A voz do passado reverbera no presente. Os discursos retornam, se reatualizam e, ao fazê-lo, são sustentados e reforçados pelas instituições. A memória institucional é um permanente jogo de informações, que se constrói em práticas discursivas. (COSTA, 1996, p. 71).

As práticas discursivas só serão válidas dentro de um contexto, se os depoentes que viveram determinado período dispuserem-se a ajudar e positivamente falar o que realmente aconteceu.

Mas não vá alguém pensar que as testemunhas orais sejam sempre mais “autênticas” que a versão oficial. Muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobram à memória institucional. (BOSI, 2003, p. 17).

Como Bosi enfatiza acima, algumas vezes as testemunhas podem não ser “autênticas” na rememoração dos fatos, este fenômeno pode dar-se, entre outros motivos, pelo simples fato de o rememorador não querer se comprometer de alguma forma, mesmo já estando fora da engrenagem da instituição; aí, seu depoimento figura como uma repetição do que a instituição tem em seus arquivos, sem levar em consideração, por exemplo, o que acontecia no contexto nacional que levou a instituição a tomar determinadas atitudes.

É importante ter um olhar para a memória institucional, não só a partir do ponto de vista da arquivística, mas de uma memória emocional. De certa forma, deve ser contemplada a percepção do indivíduo que viveu a história, pois só assim tem-se preservado a história da instituição em uma parcela mais generosa, ficando mais fácil traçar uma linha do tempo com os acontecimentos que fizeram parte da história institucional, sem que estes dados tenham que ser pesquisados às pressas, quando houver necessidade de serem utilizados para elucidação de fatos ou uso em pesquisas. Pois, apressadamente, provavelmente, fatos seriam esquecidos de ser incluídos em seu histórico. A disseminação de um bom histórico de uma instituição de ensino e, neste parâmetro, inclui-se a FABICO, abre campo para pesquisas posteriores, sendo de grande importância para a visibilidade da instituição. Seu crescimento através do tempo e o engajamento de pessoas que fazem ou fizeram parte de seu sistema mostra certo prestígio dentro da sociedade em que está inserida. Seus membros são os principais construtores do passado e, por sua vez, este passado reflete-se no presente.

3 WEB 2.0

Diante das possibilidades apresentadas pela Internet, despertou-se, no próprio usuário, a necessidade de maior interatividade com os conteúdos disponíveis na Rede.

Assim, a Web 2.0, que também é chamada de Web Colaborativa, Web Social, dentre outras nomenclaturas, surgiu como recurso catalisador, estimulador de uma dinamização da instrumentalidade da pesquisa em nível globalizado. Com isso, enseja a participação ativa e co-participativa do usuário, integrando-o em uma rede mundial, na qual o mesmo possui maior poder de decisão, literalmente interagindo e manipulando dados através da colaboração autoral.

A Web 2.0 democratizou ainda mais o acesso à rede, facultando ao usuário uma participação mais ativa, interventora, rompendo com a tradicional passividade de espectador que caracterizou os primeiros tempos da Internet.

Esses novos hábitos são resultados de novas relações com o tempo, devido a possibilidade de um retorno imediato, e ao mesmo tempo, novas relações sociais se estabelecem na medida em que, em um livro tradicional, a relação estabelecida entre o autor e o leitor é de 1 : 1, enquanto que com a Web Social a interação se dá de 1 : ∞. Nesse sentido, a Web Social pode ser identificada nas mídias sociais como serviço “de um para muitos”, estando representada por canais de compartilhamento de conteúdos, como o micro-blogging, redes de relacionamento sociais e wikis para promoção do retorno imediato dos pares, partilham de experiências pessoais para proporcionar um maior e mais rápido processamento da informação (cognição), sua (re) utilização e correção. (MIRANDA, 2009, p. 6).

Está destacada, nessa recente versão, a interatividade usuário/informação, ao contrário do anterior modelo de Web, no qual as páginas eram rígidas, estanques, sem possibilitar a interconectividade com os usuários, os quais se limitavam a apenas ler ou copiar textos acabados e informações fechadas, sem possibilidade de participação. Conforme Primo (2007, p. 1) a Web 2.0 é mais que a segunda versão Web e instrumento para potencializar a produção e disseminação interativa na Rede, refere-se “[. . .] também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador.”

Tim O'Reilly é citado por diversos autores de múltiplas áreas do conhecimento, dentre estes Primo (2007), como o criador da expressão Web 2.0. Filósofo e fundador de uma grande empresa de TI, a O'Reilly Media, Tim é creditado como o maior disseminador da Web 2.0 e entusiasta da tecnologia de livre acesso informacional, desde softwares livres, códigos de acesso livre, à Rede Mundial.

Conta-se que o termo Web 2.0 apareceu, pela primeira vez, em uma sessão de *brainstorming* encabeçada por Tim O'Reilly, na qual se buscava dar um novo enfoque à Web, depois de observada a derrocada que sofreram parte das empresas .Com. Nesta *brainstorming* se viu de maneira clara que o mundo Web tal e como estava nesses momentos não triunfaria, motivo pelo qual se deveria mudar radicalmente o foco de negócio da Internet. (FONTECHA, 2006, p. 1, tradução nossa).

A apresentação da Web 1.0 por Fontecha (2006, p. 2), citada anteriormente, conclui com uma exposição comparativa entre aquela e a Web 2.0, interessante para análise deste novo serviço.

Neste trecho de Fontecha é perceptível a ligação social entre as adequações tecnológicas ocorridas na Web Colaborativa, chamada de "uma mudança de mentalidade" por Barros (2006, p. 48). Para Barros, a cooperação e a transparência são elementos comuns na Nova Rede, já que o usuário detém possibilidades inumeráveis de ação, desde criação de sítios online como participação ativa em websites "prontos", na alteração de visualizações, textos, gerenciamento de informação, e enfim, com a possibilidade de disponibilizar seu conteúdo personalizado a outros e formar comunidades, reconhecer afinidades/interesses.

O fluxo da informação deixa de ser top-down (de cima para baixo), do produtor para o consulente (termo selecionado para representar o papel do usuário, ator passivo no antigo processo), e passa a bottom-up (de baixo para cima), de usuário (agora sim, já que pode fazer uso da informação, consultando e interagindo com esta). Esta relação bottom-up, de maneira alguma encerra a criação de informações "fechadas", contudo, o usuário busca, mais a cada momento, serviços e aplicativos que o representem, ou seja, aqueles nos quais ele participa e decide.

3.1 BASES DE DADOS DE REFERÊNCIA OU FONTE

Desta forma, o ambiente FABRICO está estruturado, como sendo uma base de dados de Referência ou Fonte. Assim, abriga projetos - dentre eles, o CIM FABRICO - efetuados através de colaboração entre pesquisadores e alunos, alojando em seu interior informações pertinentes ou produzidas no ambiente do projeto, ou descrevendo o endereço da informação através de link.

Bases de dados, também chamada de banco de dados, são sistemas que guardam grande quantidade de informação, de uma forma estruturada. Nesse cenário temos dois tipos de Bases de Dados: de referência e de fonte. Na de referência temos somente os metadados, e os descritores, que permitem a recuperação do documento. Estas Bases podem conter links para informação completa. BD de fonte contém a informação alojada e metadados.

Este recurso é amplamente utilizado, diariamente, por muitos utilizadores da Web, pois a informação que é acessada pode estar lincada de outro sítio ou hospedada no próprio ambiente onde é feita a busca. Mas, para uma gama de usuários desta tecnologia, pouco importa a forma de estar alojada a informação. Falta-lhes um entendimento de como a informação é disponibilizada. O que mais é levado em consideração é o produto da busca.

Entretanto, muitos autores concordam que o fator que realmente provocou a explosão das bases de dados foi a sua utilização por parte dos serviços de indexação e análise bibliográfica, através das aplicações relacionadas com a preparação mais rápida de originais de suas publicações para impressão em fotocomposição. (CUNHA, p. 45, 1989).

Todo o avanço desta tecnologia se apóia em estudos e é enriquecido desde antes da década de 70. Em um artigo sobre o assunto, Cunha (1989 p. 45) salienta: “No início dos anos setenta existiam menos de dez bases de dados disponíveis através dos bancos DIALOG e ORBIT.” Sendo que na atualidade é quase impossível saber quantas bases de dados existem, talvez o que seja possível seja ter uma idéia de quais os tipos de bases mais utilizados atualmente.

Para este estudo, é necessário enfatizar a união de dois tipos de bases de dados, as Bases de Referência ou Fontes, para Rocha (2007, p. 6): “São bases de dados que contêm metadados, que descrevem recursos informacionais, permitindo a recuperação e o uso destes recursos, podendo inclusive armazenar os próprios recursos”. Assim, estas bases são a união de dois tipos de recursos informacionais. As Bases de dados de Referência são como Catálogos On-line que remetem o usuário para a fonte do documento, em seu catálogo são expressados apenas dados sobre o documento, como resumo, dados catalográficos, autores e endereço da fonte. Já as Bases de Fontes alojam documentos, pois contêm a informação na íntegra. É o caso, por exemplo, de uma biblioteca digital com textos integrais para disposição de seus usuários.

A interoperabilidade entre bases de referência ou fonte é vista pela norma ANSI/NISO, apud Rocha (2009a) como: “Habilidade com que múltiplos sistemas, com diferentes plataformas de hardware e software, estruturas de dados e interfaces, trocam dados com perdas mínimas de conteúdo e funcionalidade.” Esta interconectividade possibilita a construção de uma federação de bases de dados, que nada mais é do que a união de várias bases de dados apresentadas para o utilizador como sendo uma base única. As bases dispõem de metadados para a federação e mecanismos de busca recuperam a informação dentro de uma base maior (base de dados da federação, que se compõe de bases menores).

3.2 METADADOS

A dependência atual do homem à tecnologia, principalmente dos recursos da Web, faz com que alguns usuários busquem conhecer um pouco mais sobre seus elementos, a fim de entender como a plataforma funciona e as melhores maneiras para interagir com ela.

Neste cenário, surgem os metadados, que constituem tudo o que é apresentado na rede; conceituados conforme Rocha:

O conceito de metadados é bastante simples: metadados são dados sobre dados. Quando se trata do mundo digital, chama-se de recurso o objeto descrito por metadados, pois este pode ser tanto um simples dado, quanto um documento, uma página da web, ou até mesmo uma pessoa, uma coleção, um sistema, um equipamento ou uma organização. (ROCHA, 2004, p. 113).

Ou seja, os metadados são utilizados para descrever permanentemente, em qualquer recurso de informação, sejam eles o Dublin Core ou MARC, pois para descrevermos qualquer tipo de informação necessitamos de uma codificação, algo que traduza o que queremos ilustrar. Podemos identificar três tipos de metadados e que são usados, conforme Lourenço (2007, p. 74-75) “[. . .] na área de preservação e digitalização de imagens”, são eles os metadados descritivos, os quais descrevem as informações relativas dos documentos; os metadados estruturais que levam informações relevantes para entendimento do objeto ao usuário, descrevendo a organização interna do documento e a relação hierárquica de seus assuntos e os metadados administrativos, os quais são utilizados para ajudar na gestão do recurso, pois incluem dados sobre a criação dos documentos. No entanto, uma gama muito grande de esquemas de metadados, como define Rocha (2004 p. 113), “[. . .] pode levar a uma sobreposição de esquemas, com esquemas sendo definidos para as mesmas finalidades.” Sem um padrão, torna-se difícil uma tentativa de estandarização. Para este fim, surgem os Registros de Metadados, que nada mais são que repositórios onde esquemas de metadados ficam ao alcance do usuário para evitar o surgimento de novos esboços e tornar o esquema de metadados mais universal.

3.2.1 Metadados Dublin Core

O esquema Dublin Core visa a descrever, de forma simples, objetos digitais de vários tipos (entrevistas, fotos, vídeos e etc.). Assim, pessoas que não tenham conhecimento de sistemas de catalogação são capazes de utilizá-lo, por ser um esquema de fácil operação. É composto por quinze elementos que fazem a

descrição de um item a ser descrito, mas pode ser representado com menos elementos, configurando-se como um facilitador para a descrição, um esquema simples, com semântica para entendimento universal, estabelecendo um padrão para a descrição dos recursos de informação. Assim seguindo esta descrição utilizada por várias pessoas, tem-se uma melhor recuperabilidade da informação. Todo o material contido no projeto CIM FABICO é descrito através de Metadados Dublin Core, o que visa a uma melhor descrição dos itens e, como retorno, tem-se uma melhor recuperabilidade dos dados descritos. Conforme Fugisawa: “Desde 1996, o Dublin Core Metadata Element Set, ou simplesmente Dublin Core, vem se evidenciando como a solução mais viável para descrição de recursos eletrônicos na Internet.” (SOUZA, [2000]). Além do esquema de descrição simples com 15 descritores, o Dublin Core abre a possibilidade de um Dublin Core *Qualifiers* (qualificado). Estudiosos da área, dentre eles Rocha (2008), destacam-no como: “[. . .] mecanismos que refinam ou qualificam os elementos de metadados de DC ou seus valores, afim de tornar a descrição mais precisa [. . .] segue o princípio *Dumb-Down*.” Os refinamentos de elementos tornam uma especificação mais precisa, um elemento qualificado compartilha espaço com um simples, mas com escopo mais restrito. O cliente que não entender a especificação de um qualificador, ou não desejar representá-la, pode ignorar a especificação e usá-la como se fosse não qualificada.

Fabrico

[Usuários](#) [Projetos](#) [Modelos](#)
 Usuário: [122292](#) [Sair](#)

[Relatorio](#) [Favoritos](#) [Documentos ?](#)
[Assuntos](#) [Pessoas](#) [Ontologia](#)

Recurso: ?

http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?u=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabrico/acervo/entrevistas_-_depoimentos/abilio_paulo_martins

Propriedade	Valor/objeto
assunto:	discentes docentes fabrico
colaborador:	Abílio Paulo Martins
criador:	Adriane Curi da Silva Silvana dos Santos Sant'Anna
data:	22/10/2009
editor:	Juliano Leal Camargo
idioma:	Português
tipo:	entrevista
título:	ABÍLIO PAULO MARTINS (Projetos/Centro de Informação e de Memória da Fabrico/Acervo/Entrevistas - Depoimentos)

Clicks:

2009-10 ******(2)

Figura 1 - Exemplo de metadados Dublin Core Simple

Fonte:

http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/descricao.php?&uri_sujeito=http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?u=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabrico/acervo/entrevistas_-_depoimentos/abilio_paulo_martins

Exemplo de Elementos Qualificados

Elemento DC	Significado	Elemento Qualificado	Significado
dc:date	Data associada a um evento do ciclo de vida do recurso	dcterms:create	Data da criação de um recurso Refina o elemento dc:date
		dcterms:issued	Momento em que o recurso foi publicado Refina dc:date
Dc:title	Título dado ao recurso	dc:alternative	Título usado como substituto ou alternativa ao título formal Refina dc:title

Figura 2 - Exemplo de elementos qualificados
Fonte: Rocha (2008).

3.3 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA INFORMAÇÃO

Saindo do assunto metadados e chegando à Folksonomia, vê-se que o descritor assunto, o qual é um dos itens descritos através de metadados, aqui será abordado de forma mais esclarecedora.

Folksonomia é uma junção da palavra *folk* (do inglês, que significa pessoas) com taxionomia. Esta expressão foi criada por Thomas Vander Wal, e é uma alternativa à taxionomia: na folksonomia, os termos são associados, o que reflete uma horizontalidade na informação, e criados com o léxico dos usuários, diferentemente da taxionomia, onde é estabelecida uma hierarquia, em categorias pré-estabelecidas. O usuário escolhe informalmente palavras-chave “[. . .] escolhidas de maneira livre, chamadas freqüentemente como tags.” (O’REILLY², 2009 apud ROCHA, 2009). Tags ou marcadores são etiquetas que expressam o assunto que contêm no documento, e provêm de uma escolha pessoal do autor ou criador do item de conteúdo, isto é, não fazem parte de um esquema formal de classificação.

A teoria da intencionalidade destacada por Miranda (2009 p. 11) é o que impulsiona o indivíduo a descrever o objeto de forma mais cabível: “Na práxis, seria

² O’REILLY, Tim. **What Is Web 2.0:** Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. 2005-2009. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/lpt/a/6228>>. Acesso em: 21 nov. 2009.

a direcionalidade da metainformação criada por ele para encontrar o conteúdo desejado [. . .] o vocabulário natural então criado por desenvolvedores e utilizadores de serviços da web social.” É o recurso mais utilizado hoje em dia nos sites e blogs de conteúdo colaborativo, como You tube, flicker. O primeiro site a usar um sistema de folksonomias foi o Del.icio.us (<http://delicious.com>). Uma foto, vídeo ou documento também pode ser marcado, de forma que sua recuperabilidade fique comprometida, já que é o usuário que atribui os marcadores ao conteúdo que está descrevendo, partindo de uma escolha pessoal. Por exemplo, explorando a tag *cat* no flicker, pode-se encontrar desde fotos de gatos, que é o mais provável, até fotos de coelhos, isto se dá por uma má escolha de descritores. Segundo Miranda (2009, p.11) “[. . .] a folksonomia, embora naturalmente menos precisa, convida os usuários a investigar, a navegar, a descobrir o conteúdo do site de uma maneira agradável.” Desta forma, a Serendipity (descoberta) manifesta-se e, de forma instigante, faz com que o usuário, através de uma construção do conhecimento livre, encontre materiais que jamais localizaria, em um modelo de web como antigamente, *top-down*.

A junção de marcadores ou tags formam uma nuvem de tags, sendo estas muito importantes para a construção do conhecimento do usuário, já que só assim

[. . .] é possível ver o coletivo, com tags maiores, mais frequentes, mostrando tendências, mas também mostrando, na cauda longa, as tags menores, menos frequentes. A diferenciação então aparece na possibilidade de identificação das intencionalidades, não individuais, mas do coletivo. (MIRANDA, 2009, p.13).

Na Wikipédia, a nuvem de tags está descrita da seguinte forma:

[. . .] conjunto de tags utilizadas em um determinado website disposto em ordem alfabética, e o volume de conteúdos que o site apresenta em cada tag é mostrado proporcionalmente pelo tamanho da fonte. Dessa forma, em uma mesma interface é possível localizar uma determinada tag tanto pela ordem alfabética como pela frequência da incidência de conteúdos marcados com a mesma tag no referido site. (NUVEM..., [200-])

As tags que compõem uma nuvem são links que remetem ao item ou aos itens que estão relacionados às palavras da tag. Alguns sites dão dicas de tags mais

utilizadas para seus usuários; isto proporciona coesão de termos e faz com que não haja um aumento de volume dos mesmos nos sites.

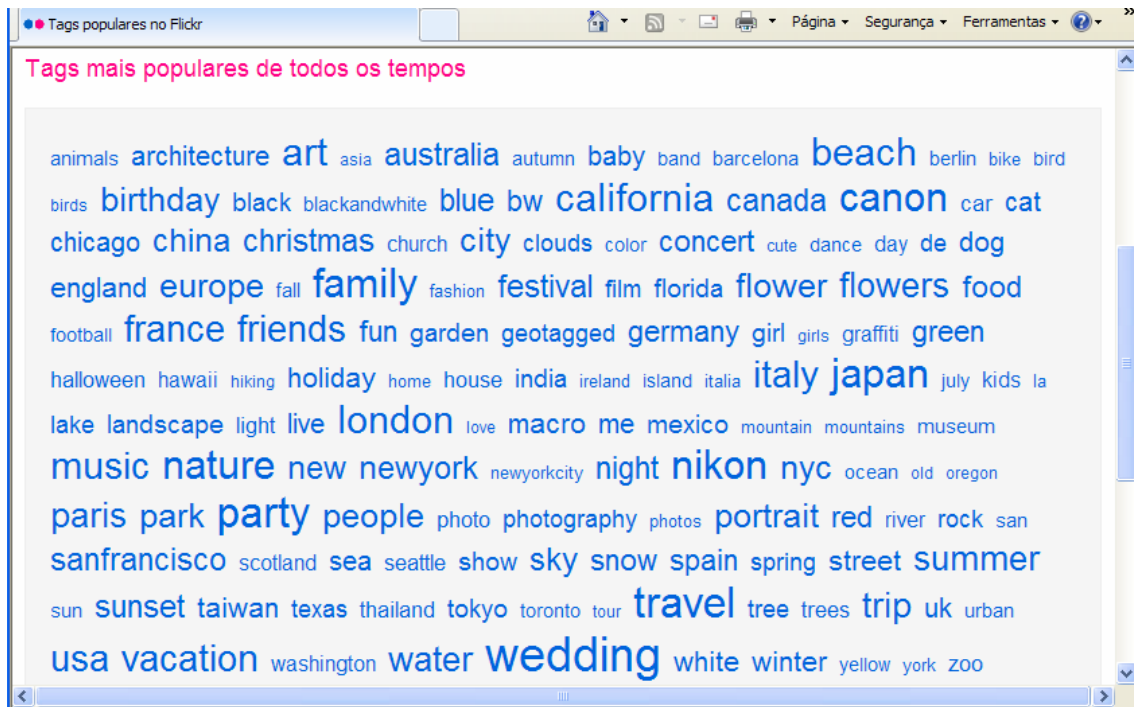


Figura 3 - Exemplo de tags

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/tags/>

Acima temos o exemplo do Flickr, que disponibiliza para seus usuários um rol de tags mais utilizadas. Por outro lado, esta sugestão apresentada pode causar uma limitação na representação feita por um usuário que a utilize como parâmetro para descrição de seus documentos, pois pode não dar uma abrangência cabível ao mesmo, assim o material representado não será de fácil recuperabilidade entre os usuários.

3.4 AMBIENTE WIKI

Como na organização social da informação, onde o usuário é o detentor da possibilidade de descrever o conteúdo inserido por ele na web, o ambiente wiki possibilita a construção de conhecimento colaborativo na web, ou seja, qualquer usuário pode ser o escritor/colaborador na construção do conhecimento. Destacado por Anderson apud Miranda (2009 p. 12) como: "[. . .] auto-regenerativo e quase vivo. Esse modelo de produção diferente cria um produto fluido, rápido, renovável e gratuito." A proposta apresentada por este ambiente é a colaboração e a disseminação da informação feita pelo coletivo. Pessoas de uma mesma área ou ligadas pela interdisciplinaridade podem trocar idéias, expandir conhecimentos em áreas afins, isto feito de maneira mais rápida e construtiva.

A etimologia da palavra Wiki é descrita na Wikipédia, enciclopédia que é feita com a colaboração de seus utilizadores, e descrita por Miranda (2009 p. 12) como “enciclopédia dos tempos modernos” da seguinte forma:

O termo “Wiki wiki” significa “super-rápido” no idioma havaiano. Já em Maori Wiki significa “fim-de-semana”. É também a forma diminutiva de Wikitória, versão Maori do popular nome cristão vitória. [. . .] Chamado “Wiki” por consenso, o software colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo tenha que ser revisado antes da sua publicação. (WIKI, [200-]).

A tecnologia wiki é marcada pela coletividade, cada colaborador é peça fundamental do conhecimento expressado, já que de certa forma também é autor.

A coletividade e a colaboração faz com que o wiki seja diferente das outras páginas da internet pelo fato de estar disponível em um tipo de rede horizontal, em que "eu" coloco o meu conteúdo e "você" pode alterá-lo e que essa interação permite a geração de conhecimento e, conseqüentemente, de uma maior audiência por parte dos usuários. (LOPES, [2008?]).

O diferencial desta tecnologia é o fato de uma pessoa acrescentar um parágrafo em um artigo, ou um subtítulo ao título, um resumo em um artigo ou um hipertexto no corpo do texto; enfim, uma colaboração positiva e enriquecedora à obra criada nesta tecnologia.

A intencionalidade, que aparece nos processos de busca da informação, é identificada não apenas por meio da Findability, mas também na Serendipity (descoberta) via folksonomias, pois, na inserção de tags, acontece uma interação com a comunidade, a medida em que o ato de comunicar simula a visão do utilizador, sua estratégia pessoal de organização, sua direcionalidade. O interessante é que as folksonomias caracterizam-se como um fenômeno de comunicação, e por isso intencional, de massa, muitos para muitos, inclusivo e sem controle centralizado; ao contrário de mecanismos centralizados como os vocabulários controlados, os tesouros, que também objetivam a Findability. Nesses contextos, grupos restritos de especialistas definem os caminhos para encontrar a informação, de forma centralizada e exclusiva, onde não é possível interferir muito, sendo então de poucos para muitos. **Essa forma exclui a cauda longa** Porque exclui?-Majorjy 7/30/09 9:16 PM . Pensando na curva, temos sua parte final que é cauda longa, que tem infinitas tags, mas com pouca frequência. Na parte inicial da curva temos, o chamado power law, que contem as tags mais usadas. Estas tags do power-law normalmente são aquelas que também podem estar presentes nas taxonomias - mas nem todas. Numa taxonomia provavelmente não temos "tags" que estariam na cauda longa, pois são tags emergentes, que ainda não foram "descobertas" pela maioria. Talvez, se descobertas pela maioria, iriam para o power law e taxonomias. Acho, entretanto, que ficaria melhor retirar o texto em amarelo -Rafael Port da Rocha (GM) 7/31/09 4:43 PM Mas ao contrário, por meio das ferramentas da Web Social, como as nuvens de tags, é possível ver o coletivo, com tags maiores, mais frequentes, mostrando tendências, mas também mostrando, na cauda longa, as tags menores, menos frequentes. A diferenciação então aparece na possibilidade de identificação das intencionalidades, não individuais, mas do coletivo

Figura 4 - Fragmentos do artigo Web Social: impacto no comportamento informacional na produção do conhecimento

Fonte: Miranda et al. (2009).

Podemos visualizar um exemplo prático acima, um artigo escrito a quatro mãos entre dois pesquisadores na cidade do Porto, (Májory Miranda, Alexandre Miranda) e dois em Porto Alegre (Lizete Dias de Oliveira, Rafael Port da Rocha). Esta ferramenta evidencia quebra de barreiras, como a distância, e acrescenta facilidades, como menor tempo possível para a informação estar disponível para seus pares ou pessoas que busquem conhecimento na rede. A Wikipédia é o maior exemplo manifestado de tal tecnologia, de certa forma um auxílio para a educação moderna, por envolver o coletivo.

Essa enciclopédia dos tempos modernos, é um dos três pilares da reprodução do conhecimento, pode ser entendida como uma terceira forma de reunião do conhecimento humano. A primeira é caracterizada pela compilação do conhecimento por apenas um sábio, como foi o caso de Aristóteles, Plínio o Velho ou o chinês Tu Yu. Em uma segunda forma de

compilação, a Encyclopédie de Diderot foi uma criação coletiva, mas não colaborativa, que precisou vinte e nove anos para ser finalizada, passando por incríveis dificuldades editoriais e sociais. Essas duas formas de compilação do conhecimento são baseadas na relação de autoridade de 1 : muitos ou de muitos : muitos, sendo os produtores selecionados por seu reconhecimento anterior. (MIRANDA, 2009, p.12).

A informação sofre de metamorfose, e cresce em conteúdo, e na Wikipédia este processo é mais rápido devido a interatividade, mas esta fonte não deve ser a única para quem busca subsídios informacionais, "deve ser a primeira fonte de informação, mas não a última, deve ser o site para a exploração de informações, mas não a fonte definitiva dos fatos" (Anderson apud Miranda, p.13). Assim, a Wikipédia serve de auxílio, mas, nunca como único recurso de informação.

4 UM CIM PARA A FABICO

O CIM/FABICO (Centro de Informação e Memória) foi pensado como um sim, como uma tentativa de eternização e salvaguarda da memória fugidia e volátil das rotinas e experiências universitárias, como um auxílio para a memória fugaz do homem. Um complexo de armazenamento de registros, proporcionado pelos avanços tecnológicos da hodiernidade, para posterior consulta e compartilhamento, pois já, no agora não se limitará somente a materiais coletados pelos alunos, mas se concretizará em uma atividade voltada para a conservação das lembranças, vivências e experiências da comunidade acadêmica da Fabico, envolvendo todos seus atores. Para atingir seus objetivos, o CIM busca coletar, resgatar depoimentos e pôr à luz fatos da história passada da entidade, bem como, registrar a memória da atualidade, para que esta não se perca.

A consulta às memórias individuais de sujeitos de diferentes períodos e fases da história da Fabico; a entrevista; a busca do documento e do depoimento das gerações antecessoras; o registro imediato do momento atual e presente e de como este é vivenciado por alunos, mestres, servidores; a preservação do maior somatório de dados e opiniões, tudo isso, enfim, contribui para a conservação e atualização da memória coletiva e institucional – meta principal do CIM, o ator ajudando a escrever a história institucional através de suas vivências pessoais.

Diferentes impressões, pontos-de-vista, versões da história – pretérita e atual – da FABICO merecem ser compilados. Relatos e depoimentos de professores, jubilados e atuantes, de bibliotecários e profissionais da informação, saídos de seus bancos, de alunos e ex-alunos, de servidores dos mais diversos escalões, podem ajudar a compor um mosaico democrático e participativo, a par da coleta de materiais escritos, fotográficos, audiovisuais, etc., relativos ao histórico institucional.

A identidade afirma-se na memória, como perpetuadora do conhecimento. Manter vivo e ao alcance de todos tudo aquilo que pode morrer com o descaso e perecimento natural das coisas é um modo de vencer a perda inexorável de tudo aquilo que passa, que se torna passado ou, mesmo, ultrapassado. É uma postura afirmativa, de dizer sim, em confronto com o aniquilamento e o desconhecimento. A

contribuição de um ex-aluno, de uma secretária, faxineira, diretora, mestre, segurança, pode somar significativas informações para detalhar e humanizar a história institucional, em suas diferentes percepções da realidade acadêmica vivenciada. Por fim, é na estreita comunhão entre história e memória que se pode tentar preservar, no exercício da participação de todos os agentes, o patrimônio cultural comum.

Um dos marcos da memória da Fabico não poderia deixar de ser sua própria formação como união dos Departamentos de Biblioteconomia e Comunicação Social, exigindo o estudo sobre a conjuntura do período histórico em que se processou dita reunião, assim como fora a existência das duas faculdades no período anterior, sobre as causas que levaram à instituição da Fabico, os que pugnaram por ela, os que se opuseram, seus argumentos, suas opiniões. Reconstrução de uma trajetória institucional, da vida de seus atores, do registro dos acontecimentos mais marcantes. As sedes, suas alterações, reformas, as mudanças de currículo, os diferentes cursos, as relações entre eles, esses os objetos principais do trabalho investigativo a que se propõe o CIM, na tentativa de retratar a memória como uma constelação, sem distinções entre os Cursos que compõem a FABICO. Desde sua criação até os tempos atuais.

4.1 UM HISTÓRICO

Neste trabalho de busca de resgate da memória da Fabico, foi elaborado um histórico, na tentativa de reproduzir momentos da história institucional da Faculdade. Assim, através de pesquisa bibliográfica, no pouco material editado e, por vezes, raro, fez-se um histórico abordando-se três aspectos: o prédio onde a Faculdade está instalada, os Diretórios Acadêmicos e os dois Departamentos que compõem a FABICO, traçando um apanhado de seus Cursos na área da Ciência da Informação e Comunicação Social. Desse modo, arestas serão fechadas, já que participantes da

disciplina BIB 03202 2008/2 colheram depoimentos que tratam das experiências de professores, funcionários, alunos e ex-alunos da Faculdade.

4.1.1 Do Prédio

O atual prédio da FABICO foi construído entre os anos de 1960 e 1964, com o intuito de dar melhores condições estruturais para a gráfica, que mesmo mudando constantemente de endereço, atendia a toda a demanda de materiais impressos para a universidade, tanto para a parte administrativa, como os materiais editados por alunos e professores da entidade. A gráfica atendia toda a produção impressa da então URGS. Além da gráfica, no prédio recém-inaugurado em 1964, funcionava um almoxarifado e a cooperativa de funcionários da URGS. Em 1964 o então reitor Elyseu Paglioli, enfatizava em seu relatório de reitorado a importância da gráfica para a comunidade acadêmica e sua avançada tecnologia:

O moderno parque gráfico e o capacitado pessoal que atende esse importante e indispensável serviço, tem prestado inestimáveis vantagens à Universidade, quer pelo baixo custo dos trabalhos como pela alta qualidade dos mesmos e a rapidez com que atende os pedidos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL 1964, p. 78)

O terreno onde está situado o Campus-Saúde era uma área que beirava o Arroio Dilúvio. Na parte sul (fundos do terreno), este não era ainda canalizado, o que tornava parte da área um verdadeiro charco, tendo sido necessário um aterro de 5 metros no local, principalmente na parte do Hospital de Tisiologia, hoje prédio da Psicologia. A grande área era conhecida como campo de polo, onde se praticava dito esporte.

O desejo de construir um avançado complexo de saúde partiu do então presidente da República Getúlio Vargas, em 1952. Conforme Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1964, p. 271), “[. . .] com a aquisição do campo de pólo, passou o ministério a tomar a iniciativa da construção, pois Vargas desejava a

construção dessa obra para o Rio Grande.” A obra que começa em 1953, somente acabou em 1964, mas vários fatos ocorreram durante o projeto e a sua conclusão, muitas vezes perderam-se prazos e verbas e, com a urbanização do entorno da área onde está situado o Campus Saúde, houve invasões de terras por parte de empresas de loteamento, o que só acabou com a construção de uma cerca de arame farpado com moirões de pedra que ia da Avenida Protásio Alves até a Avenida Ipiranga. O traçado da Rua Ramiro Barcelos, ao invés de favorecer a construção do complexo de saúde, avançou seguidas vezes sobre a área que seria destinada a ele, assim privilegiando os loteamentos que ocuparam as terras vizinhas ao complexo hospitalar.

Contudo, a Gráfica da Universidade ganha um moderno prédio e estrutura para desempenhar um melhor trabalho e atender sua demanda, assim como a cooperativa dos funcionários da Universidade e um almoxarifado, que também foram alojados no prédio.

Já na década de 70, mais precisamente no dia 1º de setembro 1970, com a implantação da portaria nº 714, foi criada a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO).

Resolve: Art 1º - Criar a faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, prevista no artigo 17 do Estatuto, constituída dos seguintes departamentos: de Biblioteconomia e documentação de Comunicação conforme consta no item 2 da alínea “c” do artigo 2º do regimento Geral da Universidade, aprovado pelo Conselho Federal da Educação e homologado pelo Senhor Ministro de Estado dos Negócios de Educação e Cultura em 7 de julho de 1970. (FARACO, 1970, f. 1)³.

Assim, o prédio da gráfica situado na Rua Jacinto Gomes nº 540, no Campus Saúde, cede lugar também para os cursos de Jornalismo, em 1970 e Biblioteconomia e Documentação, no ano de 1972, fato este ocorrido pela edição de uma portaria: dois cursos sem afinidades aparentes, ocupando o mesmo espaço. O curso de Jornalismo tinha sua sede anterior junto ao antigo prédio da Faculdade de Filosofia no campus central e o curso de Biblioteconomia tinha como sede a

³ FARACO, Eduardo Z. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Portaria n. 714, de 1. de set. de 1970. Cria a faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

Faculdade de Ciências Econômicas. Nos primórdios desta nova faculdade, os espaços no prédio eram bem exíguos, já que a gráfica ocupava ali uma grande extensão.

Naquela época a Gráfica ocupava quase que o prédio inteiro; sendo utilizados, para salas de aula e para a administração da unidade, apenas o terceiro (com o laboratório de fotografia e a sala de redação) e o quinto andar. O primeiro andar também era ocupado pela gráfica, sendo seu depósito. (JEZUS, 2006, f.31).

As novas instalações deram ao curso de Jornalismo um acréscimo na qualidade do ensino prático, já que laboratórios (como o de fotografia) e salas especiais foram incrementados no novo prédio, pois o espaço físico favoreceu em qualidade do Curso, e, de certa forma, os descontentamentos pela mudança de local e a não-transformação do Jornalismo em uma Faculdade independente foram sendo amornados.

Dentro de um regime de chumbo, onde todas as manifestações artísticas e culturais eram vigiadas e censuradas (período Médici), os alunos de Jornalismo no ano de 1970 organizaram uma exposição chamada Saco 70 (Semana de Arte e Comunicação de 1970), que ganhou notoriedade na imprensa, saindo matérias em jornais até de fora do Estado.

Todo esse andar de baixo, esse térreo da FABICO era um grande espaço aberto. E nessa de fazer alguma coisa veio a idéia de fazer o SACO 70, o Salão de Arte e Comunicação. E acabou sendo tão interessante e badalado que fomos notícia até no Jornal do Brasil. Eram centenas de metros quadrados, todas as salas de aula de hoje era tudo aberto. Conseguimos sacos de linhagem para sentar. Montamos um palco e fizemos isso com o apoio dos loucos da arquitetura, os loucos do Instituto de Artes, da Filosofia, da Sociologia. Quem tinha alguma manifestação artística para mostrar, trazia do jeito que viesse. Assim foi durante uma semana. As pessoas chegavam, ganhavam sacos, o pessoal espirrava muito. (WEBER, [200-]).

O térreo todo vazio, com toda sua extensão, abrigou uma manifestação cultural, que hoje se pode chamar de multiartística, pois reunia em um mesmo espaço diferentes manifestações de arte. Infelizmente, houve apenas uma outra edição. Sobre a segunda edição Flávio Dutra comenta:

[. . .] a primeira dentro do prédio e a outra no canteiro (hoje urbanizado) na frente da Fabico, porque a direção proibiu as manifestações, alegando que o pessoal estava fumando maconha (sim, já se fumava maconha naquele tempo) e bebendo muito durante o evento. (JEZUS, 2006 f. 45).

A biblioteca da nova unidade começa suas atividades no ano de 1972, mesmo ano em que o curso de Biblioteconomia muda-se para o prédio. Localizada no 4º andar, onde até hoje tem sua sede, começou pequena.

Então, a Zenaira Garcia Marques primeira diretora (e que se manteve na direção por 21 anos!), professora da biblioteconomia, trouxe todo o acervo de livros de Jornalismo para dar início à Biblioteca. Eu me lembro bem: eram no máximo 21 livros!!! E assim começou. (SILVA apud JEZUS f. 44).

O acervo da nova biblioteca da FABICO teve como proveniência os livros vindos da biblioteca da Faculdade de Filosofia, no que se referia ao Jornalismo, e os de Biblioteconomia da biblioteca da antiga Escola de Biblioteconomia e Documentação, que se localizava no prédio da faculdade de Ciências Econômicas, mas, desde o ano de 1966, funcionando independente e com verba própria. Em 1987, a biblioteca, que tinha uma área de 135m², é ampliada e passa a ter um total de 306m². Atualmente, estuda-se uma nova reforma para as instalações da biblioteca⁴.

No começo da década de 80, crescia entre os estudantes o desejo de um ponto de encontro para atividades mais informais do que as de aula e estudo, e tal espaço cobiçado era o de um bar, território livre de integração. Em 1981, um coeso movimento grevista universitário perdurou por 22 dias, ao cabo do qual, uma bem-sucedida invasão da reitoria conduziu à aprovação de um rol de reivindicações estudantis, entre as quais, gratamente acolhida pelo então reitor (Mário Rigatto), figurava a da disponibilização de um bar. E, em um mês, eram iniciadas as obras do aguardado Bar da Fabico. O vencedor da licitação foi o aluno de Jornalismo Marco Poli, que assumiu o economato do bar até sua formatura.

Em questão de dias, pencas de estudantes que antes não tinham onde se reunir passaram a fazer do bar um local de encontro, em função do café. Desde a manhã cedo, em especial o pessoal da Biblio, até 22h, 23h,

⁴ Informação extraída do site: <http://www.ufrgs.br/fabico/biblioteca.htm>

quando os 'boêmios' da Comunicação iam embora. Esses, passaram a pedir cerveja e outras bebidas alcoólicas, no que foram prontamente atendidos. Eu pessoalmente fazia o abastecimento de cervejas e preparava "cachacinhas" especiais, zelando não apenas pela qualidade, mas pela quantidade. (POLI apud JEZUS, 2006, f. 56)

O bar da Fabico transformou-se em um ponto de encontro, onde assuntos das mais distintas ordens eram discutidos, local onde alunos e professores conviviam. A seguinte proprietária do estabelecimento era conhecida como Neca, mas o bar era nominado por todos como bar da Lena, pessoa que atendia o estabelecimento. Sobre o local, Sarmiento (2008) descreve: “[. . .] para fazermos lanche ou conversarmos, o ‘point’ era o Bar da Lena, localizado no térreo, próximo ao diretório acadêmico e ao elevador dos fundos. Já Godoy, (2008), indagada sobre quais os gostos e cheiros faziam-na lembrar da FABICO, responde: “[. . .] cheiro de pão de queijo sempre me lembra o saudoso ‘Bar da Lena’, que não existe mais”. Nos dias atuais, o prédio já não abriga um bar específico para a faculdade, a comunidade fabicana utiliza o bar da Escola Técnica.

No mesmo ano, em 1981, é inaugurada na unidade uma biblioteca-laboratório. “Esta tinha como objetivo específico reduzir os erros cometidos através de uma supervisão cuidadosa.” (PINTO, 1984, p. 111). Este tipo de biblioteca, para um aprendizado mais seletivo, aproximando o aluno da prática diária de uma rotina de trabalho e sanando deficiências, foi uma iniciativa empreendedora, mas que, infelizmente, não chegou aos tempos mais recentes desta faculdade, já que a atual Biblioteca-escola situada no térreo não cumpre esta função.

Em 1985, o prédio passa a abrigar um estúdio de televisão, não mais dependendo do estúdio da PUC, que fora utilizado durante onze anos. “Ainda faltam[vam] equipamentos, mas ‘rompemos uma dependência’”, como disse a professora Vera Ferreira, chefe do Departamento de Comunicação na época, ao Boneco de 1985. (JEZUS, 2006, f. 40).

No fim da década de 80, a FABICO passa por uma grande reforma para sanar problemas com as enchentes que assolavam o andar térreo, que, a cada chuva mais torrencial, era inundado. Muda-se sua entrada principal para o lado da Rua Ramiro Barcelos, passando a ter o número 2705. Além dessa mudança. Santos e Silveira (2000, p. 288), destacam outras que aconteceram: “[. . .] outras incorporações

importantes ao pavimento térreo: auditório com capacidade para 150 pessoas, a Biblioteca-escola Minda Groisman, sala de recursos áudio-visuais, espaço para os diretórios acadêmicos e para o bar, além de várias salas de aula.”

Uma particularidade do prédio da FABICO é seu elevador, o qual marca oito andares em um prédio que só possui cinco pavimentos, o que é motivo de constantes enganos para pessoas que nele embarquem e queiram ir ao último andar. Envolvendo elevadores, também havia o problema da porta que se fecha sozinha, o que foi sanado em um deles, mas a lenda continua em outro e, até os idos de 2002, algumas pessoas que embarcavam nesse transporte, visitaram seu fosso. Era só passar um pouquinho do limite de peso. Sobre essa passagem da Fabico, Tavares (2008), comenta: “Sempre me arrependo de não tirar uma foto da cara que as pessoas faziam assim que o elevador abria: espanto, seguido de um longo sorriso. Soube depois que criaram até comunidade no Orkut para o elevador.” Os mais velhos na casa sabem que o primeiro que entra deve apertar o botão PO, para os próximos entrarem com segurança.

No ano de 2006, a gráfica da universidade encerrou suas atividades junto ao prédio da FABICO, ganhando novas instalações junto ao prédio do Restaurante Universitário do Campus da Saúde. Com isso, o espaço vago pela gráfica passou a ser reformado (todo o 2º pavimento e um pedaço do térreo à esquerda de quem entra). Com a reforma, foi possível criar, no segundo pavimento, espaços para salas de aula, Programa de Pós-graduação, salas para professores e laboratórios de informática. Tanto o LIBIA (Laboratório de Informática da Biblioteconomia e Arquivologia), que era no quarto pavimento, como o LICO (Laboratório de Informática da Comunicação), proveniente do terceiro andar, foram para ali transferidos. “Os demais pavimentos do edifício continuam com a mesma estrutura básica dos anos setenta, quando o prédio estava estruturado para receber a gráfica, que ocupava a maior parte do espaço”. (FACULDADE..., 2009).

Outra novidade na FABICO foi o programa de separação e reciclagem de lixo através de lixeiras específicas, onde todo o lixo reciclável é encaminhado para a ATUT (Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital São Pedro), que criou um projeto chamado Reciclando Vidas, implantado na FABICO pela secretária Martha Agostini.

Hoje, o prédio da FABICO está estruturado da seguinte forma: no primeiro andar, seu auditório, sala do DACOM (Diretório Acadêmico da Comunicação) e CABAM (Centro Acadêmico de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia), salas de aula e a Biblioteca-Escola. No segundo pavimento, todo reestruturado, funciona o PPGCOM (Programa de Pós-Graduação em Comunicação, e, em sua maior parte, salas de professores, sala de reuniões, salas de aula, núcleo de pesquisas, laboratórios de informática (LIBIA, LICO e do PPGCOM). O terceiro pavimento está estruturado contendo o estúdio de rádio, sala de professores, o LIMC (Laboratório de interação mediada por computador), LEAD (Laboratório Eletrônico de Arte e Design), NEPTV (Núcleo de Ensino e Produção de Vídeo), salas de aula, Núcleo de Fotografia e Laboratório Experimental. No quarto andar, tem-se o serviço de cópias xerográficas, laboratório de Arquivologia, laboratório de Conservação e Restauro, Núcleo da Hora do Conto (NUHC) e a Biblioteca setorial. No último andar da FABICO, o quinto, temos a Gerência administrativa (antiga secretaria), vice-direção, a direção da Faculdade, chefia da Biblioteconomia, Comgrad dos Cursos de Biblioteconomia, Museologia e Comunicação, NAU (Núcleo de Avaliação da Unidade), Caixola clube de criação, NECO (Núcleo de Estudos da Comunicação), ECHOS (Núcleo de educação a distância), Centro Referencial, NERP (Núcleo Experimental de Relações Públicas), CERLIJ (Centro Referencial de Lit. Infanto Juvenil), NEBI (Núcleo de Estudos de Biblioteconomia), AGERP (Agência Experimental de Relações Públicas) e Núcleo de Pesquisa em Mídia.



Figura 5 - Foto da construção do prédio que hoje abriga a FABICO
Fonte: Imagem Museu da UFRGS



Figura 6 - Foto atual do prédio da FABICO
Fonte: o autor.

4.1.2 Diretórios Acadêmicos

Atualmente, na FABICO, existem dois diretórios acadêmicos: o DACOM (Diretório Acadêmico da Comunicação) e o CABAM (Centro Acadêmico da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia). Nos primórdios da Faculdade, existia apenas um diretório acadêmico, o DABICO, entre 1975/1976 (Diretório Acadêmico da Biblioteconomia e Comunicação). Salaria Jezus, (2006, f. 37): “Como era de se esperar, a sua trajetória tem sido marcada por diferentes formas de atuação no decorrer dos anos, no que tange a sua forma de participação, mais política em alguns momentos, mais acadêmica, em outros.” O DABICO sofria oscilações conforme sua diretoria, e há de se levar em consideração que os estudantes da Comunicação não eram vistos com bons olhos pelo regime.

[. . .] o antigo curso de Jornalismo era considerado um foco de comunistas, se não comunistas, eram todos de esquerda, então era visado, fiscalizado, vigiado e por isso foi isolado. Nós nos movimentamos para criar um órgão

nosso e se criou o Diretório Acadêmico dos Estudantes da Biblioteconomia e da Comunicação, o DABICO. (JEZUS, 2006, f. 46).

Com o passar do tempo, o DABICO foi dividido em DACOM (Diretório Acadêmico da Comunicação) e CEBI (Centro dos Estudantes de Biblioteconomia fundado em 1989). Com os novos cursos que chegaram à Fabico, na área da Ciência da Informação, a sigla do Centro Acadêmico já sofreu duas mudanças, uma, com a implantação do Curso de Arquivologia, passando o Centro Acadêmico a chamar-se CEABI (Centro dos Estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia) e, por último, a outra, com a adição da Museologia, o que gerou o CABAM (Centro Acadêmico da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia).

Ao contrário do que se via nos primórdios da criação da FABICO, quando os estudantes de Comunicação eram mais atuantes politicamente e os estudantes de Biblioteconomia eram vistos como mais conformados, esse panorama sofreu mudanças, notando-se que o envolvimento político parte, também, no momento presente, dos estudantes da Ciência da Informação, visto que, atualmente, a bibliotecária, ex-aluna da Fabico e ex-presidente do CEABI (hoje CABAM), Fernanda Melchiona, lançou-se além-portões para o legislativo municipal, conseguindo uma vaga naquela casa. O espaço físico que o DACOM ocupa (antigo hall de entrada da FABICO) é um local muito *sui generis*, o bobo da corte desenhado na porta, o manequim pintado, uma junção de elementos que mostram para o visitante ou *bicho* que entra na Faculdade a verdadeira face “descolada” do estudante de Comunicação, onde o móvel principal é uma mesa de sinuca, esporte que os frequentadores da sala fazem fila para praticar, organizando campeonatos com regras “fabicanas”.



Figura 7 - DACOM
Fonte: o autor.



Figura 8 - CABAM
Fonte: o autor.

4.1.3 Departamento de Ciência da Informação

O Departamento de Ciência da Informação atualmente é composto de três Cursos. Mas inicia sua trajetória no ano de 1947 com a implantação do curso livre de Biblioteconomia. Já no ano de 2000, o Curso de Arquivologia é implantado, e o mais novo Curso deste departamento teve sua primeira turma em 2008, que é o Curso de Museologia. A seguir veremos um pouco da história destes Cursos.

4.1.3.1 Curso de Biblioteconomia

As origens da Biblioteconomia como curso estão associadas, neste Estado, à Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Porto Alegre. Era preciso um curso, normatizado e técnico, e o movimento para sua criação desenvolveu-se na área das ciências econômicas, tanto no campo universitário como no da Administração indireta do Estado.

Sendo estruturado e executado pela então bibliotecária da Secretaria da Agricultura do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, que fora bolsista da Escola de Biblioteconomia da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, Ângela da Costa Franco Jobim, seguindo a mesma orientação de ensino de onde era oriunda a sua coordenadora, [...] Este Curso usava o mesmo programa e exigiu as mesmas condições para o ingresso da Escola de Biblioteconomia da Escola livre de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo, que por sua vez sofria influência do método americano de ensino de Biblioteconomia. (PINTO, 1984 p. 11).

Nasce em 1947, sob a denominação de Curso Livre de Biblioteconomia, adjunto à Faculdade de Economia e Administração, cujo prédio, à época, é o hoje ocupado pelo Direito. Nesse primeiro ano, todas as disciplinas foram ministradas pela precursora mestra Ângela Jobim. “O curso foi ministrado em um ano escolar e constava das seguintes matérias: Bibliografia e Referência, Catalogação,

Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas e História do Livro e das Bibliotecas.” (PINTO, 1984, p.11).

Em 1948, o Conselho Técnico da Faculdade de Economia e Administração iniciou uma parceria com o Departamento de Serviço Público (a atual Secretaria de Administração) para a destinação de verba e instalação do Curso Livre de Biblioteconomia junto àquele Departamento. De 1950 a 1953, pelo convênio firmado entre a Universidade e o precitado departamento, o Curso Extraordinário de Biblioteconomia era por este último ministrado em suas sedes (primeiramente, na Av. Borges de Medeiros, 992, 10 andar; após, na Rua Dr. Flores, 370), desdobrado em dois ciclos, com a duração de dois anos.

Em 1954, o curso voltou a funcionar adjeto à Faculdade de Ciências Econômicas da então URGS, inspirando-se no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Para nele ingressar, era exigido o ginasial completo, submissão a provas de Inglês, Francês e Conhecimentos Gerais (História das Civilizações e do Brasil, Geografia, Geral e do Brasil, e Literatura), dispensados os portadores de licenciamento clássico ou científico e os diplomados em cursos superiores. A partir de 56, os candidatos passaram a ser submetidos a concurso vestibular. Em 29 de outubro de 1958, o Conselho Universitário da URGS aprovou a transformação do Curso de Biblioteconomia em Escola de Biblioteconomia e Documentação, de nível superior, contudo, ainda atrelado à Faculdade de Ciências Econômicas. Paralelamente, nesse mesmo ano de 58, por portaria do antigo Ministério do Trabalho e Previdência Social, a profissão de bibliotecário transformou-se em liberal, vindo a ser reconhecida em 1962, pela Lei 4.084, e regulamentada pelo Decreto-lei 56.725, de 16/08/65. É também de 1962 a fixação do currículo mínimo da Biblioteconomia (três anos letivos).

Até 1966, a Escola de Biblioteconomia funcionou anexa à Faculdade de Ciências Econômicas, ganhando sua autonomia pela Lei 5.077, de 23/08/66. A partir daí, embora ainda sediada no prédio da Economia, a Biblioteconomia era independente. Em 1970, com a Reforma Universitária e o novo Estatuto da UFRGS, foi criada a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, reunindo a já autônoma Biblioteconomia ao Curso de Jornalismo, até ali integrante da Faculdade de Filosofia da UFRGS, o que servia aos interesses da ditadura militar, aplicada em enfraquecer

os focos de subversão e desmantelar com a politização e coesão acadêmicas, derrocando, de roldão, com a cultura e o ensino humanístico.

Em 17 de maio de 1972, inaugura-se a nova sede da nova Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação no atual prédio, cuja entrada era inicialmente pela Rua Jacinto Gomes, n. 540, a qual viria a ser modificada na década de 80.

Oliveira e Rocha apontam que a principal modificação na década de 80 no Departamento de Ciência da Informação foi:

[. . .] uma orientação para o ensino lato senso, oferecendo três cursos de especialização: Curso de Especialização em administração de sistemas de Bibliotecas (1981), Curso de Especialização em Bibliotecas Públicas e Escolares (1987) e o Curso de Especialização para Bibliotecários de Instituições de Ensino Superior (1988). (OLIVEIRA; ROCHA, 2008, p. 389).

No ano de 1982, o curso de Biblioteconomia passa a ter oito semestres letivos, pois a Resolução n. 08/82 do Conselho Federal de Educação incluiu novos conteúdos para o ensino de graduação. Em 1984, começa a ser implantado o currículo pleno, com divisões semestrais. Esse currículo, com algumas adaptações, vigorou até 1999. Também no ano de 1999, começa-se o estudo para implantação de uma nova proposta curricular.

“A partir de 2000/1 foi implantada uma nova proposta curricular baseada nas diretrizes curriculares dos países do MERCOSUL. De acordo com o projeto pedagógico elaborado pela comissão de graduação de Biblioteconomia.” (Santos; Silveira, 2000, p. 280).

Já no ano de 2008, o curso de Biblioteconomia começa nova reestruturação curricular para adequar-se a normas estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do Ministério da Educação, em uma tentativa de maior aproximação dos currículos dos três cursos que compõem o departamento de Ciência da Informação.



Figura 9 - Primeira sede da Faculdade de Economia e Administração, onde o Curso de Biblioteconomia iniciou, cujo prédio hoje é o ocupado pela Faculdade de Direito
Fonte: o autor.



Figura 10 - Quarta sede do Curso de Biblioteconomia, a Faculdade de Ciências Econômicas
Fonte: o autor.

4.1.3.2 Curso de Arquivologia

O Curso de Arquivologia foi criado no dia 30 de julho de 1999 pela Decisão nº 112/99 do Conselho Universitário e teve seu início no ano de 2000/1, com oferecimento de 30 vagas para o ingresso aos novos alunos através de concurso vestibular. É creditada à pessoa da Professora Ana Regina Berwanger, uma das suas principais articuladoras, a criação do Curso de Arquivologia na Universidade.

Iniciei a lecionar no curso de Biblioteconomia em março de 1992. Houve um convite do então Dep. de Biblioteconomia e Documentação para coordenar os estudos de implantação da graduação em Arquivologia. Assim, me transferi da UFSM para a Fabico/UFRGS e iniciei a tarefa a mim designada. (BERWANGER, 2008).

Apesar dos poucos anos de sua fundação, o Curso de Arquivologia é pródigo na organização de eventos envolvendo a prática profissional.

Vários foram os projetos acadêmicos que ocorreram nestes quase dez anos de graduação, como o Seminário de Tipologia Documental ministrado por Heloísa Liberelli Bellotto, bem como o seminário de conservação, lecionado por Ingrid Beck. O Curso de Arquivologia, por intermédio do Professor Rafael Port da Rocha, teve vital participação na organização do II Congresso Nacional de Arquivologia, de 23 a 27 de julho de 2006, por meio de projeto enviado e aprovado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, agência vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. (NAVARRO, 2008, f. 35).

A evolução tecnológica e documental é percebida como uma das metas do Curso. No ano de 2004, houve uma reforma curricular, o que resultou em uma aproximação do Curso de Arquivologia da Ciência da Informação “[. . .] no sentido de privilegiar o conceito de informação e os processos informacionais em suporte eletrônico.” (OLIVEIRA; ROCHA, 2008, p. 391).

Assim, prestes a completar uma década de seu início letivo, o curso de Arquivologia vem galgando espaços, graças ao empenho de seus docentes e também de seus discentes, buscando afirmação e credibilidade para a profissão.

4.1.3.3 Curso de Museologia

O Curso de Museologia teve início no ano de 2008 e é o primeiro Curso implantado junto a Ciência da Informação no Brasil. Surge pela carência de pessoal especializado e seu objetivo é:

Proporcionar a formação do museólogo para que se torne um agente de reflexão sobre a museologia na contemporaneidade, a partir do estudo, análise, crítica e atuação em instituições e espaços da sociedade onde seja necessário desempenho de funções de caráter museológico. (FABICO, 2009).

Formação e capacitação de recursos humanos são expressões do terceiro eixo da Política Nacional de Museus, e é embasando-se nesta política, que o Curso de Museologia surge. E tem sua fundação graças à política de expansão do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), de onde foi e é possível buscar recursos para sua criação e contratação de pessoal especializado.

É importante salientar que, mesmo com pouco tempo de criação, o Curso começou de forma estruturada e o Ciclo de palestras Uma noite no Museu é uma prova de sua boa estruturação, pois é todo organizado pelo Curso de Museologia, trazendo para a comunidade e pessoas ligadas a museus assuntos interessantes, com expoentes da área da cultura.

4.1.4 Departamento de Comunicação

O departamento de Comunicação abrange três Cursos, o de Jornalismo (1953), Relações Públicas (1986) e Publicidade e Propaganda (1986), tendo tido o Curso de Jornalismo um grande destaque nas defesas dos direitos dos cidadãos,

durante o Regime Militar Brasileiro. A seguir, veremos um pouco da história deste departamento.

4.1.4.1 Curso de Jornalismo

O Decreto-Lei nº 5.480, de 13 de maio do ano de 1943, eleva o curso de Jornalismo a categoria de nível superior, mas, na Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), tem seu início no ano de 1953 junto ao antigo prédio da Faculdade de Filosofia no Campus Central. A primeira formatura de Jornalismo é datada de 11 de dezembro de 1954. A pessoa do professor Geraldo Brochado da Rosa é lembrada como a de um dos maiores incentivadores para a instituição do Curso no Rio Grande do Sul. Scheiders (2009) comenta sobre o professor Geraldo Brochado da Rosa: “Mesmo com idade avançada, estava com uma memória incrível, o que se lamenta é não ter feito uma entrevista bem longa, pois tinha muito o que contar sobre sua experiência na Universidade.” Nos seus primórdios, o curso foi marcado por carência de melhores condições de ensino, o que tange uma falta muito grande de laboratórios para a prática, assim como a falta de professores. “Aos poucos, contudo, foi galgando um maior desenvolvimento e driblando a falta de infraestrutura típica de uma Universidade Pública.” (JEZUS, 2006, f. 27).

A Rádio da Universidade era talvez o veículo prático mais importante dentro da estrutura do curso, e os estudantes utilizavam-na como laboratório, e, somente em 1966, o curso ganha um laboratório de fotografia. Uma questão discutida, à época, no âmbito universitário, era a regulamentarização da profissão de Jornalista “[. . .] tornando imprescindível para o registro oficial dos jornalistas, logo, para o exercício da profissão, diploma ou certificado de habilitação. A não existência desta regulamentação acabava por desprestigiar o Curso.” (JEZUS, 2006, f. 27). Hoje em dia, com a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), de derrubar o Decreto-Lei nº 972/69, de outubro de 1969, os jornalistas já não necessitam mais de diploma para o

exercício da profissão, o que de certa forma pode trazer um “desprestígio” ao curso por parte da população em geral.

O desejo de tornar o Curso de Jornalismo independente, transformando-o em Escola era almejado por todos, Já havia cogitações sobre o que poderia ser sua sede, o prédio da então Gráfica da Universidade, ou ficar em condição semi-autônoma no prédio da Faculdade de Filosofia.

Mas a Portaria número 714, do dia 1 de setembro de 1970, torna o Curso de Jornalismo atrelado ao Curso Biblioteconomia, formando, assim, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), no prédio da então Gráfica da Universidade. No segundo semestre do mesmo ano, ocorre a mudança para o novo prédio. A mudança não ficou na parte estrutural, pois o currículo foi alterado, passando o Curso a ter a duração de quatro anos, sendo instituído o Curso de Meios de Comunicação Social, com o qual foram instituídas duas habilitações: Jornalismo Gráfico ou Áudio Visual e Publicidade/Relações Públicas.

Em 1986, com a implantação de mais um novo currículo, as áreas de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas foram divididas, formando, assim, habilitações distintas.

Atualmente, no site da Faculdade, o objetivo dos três Cursos do departamento de Comunicação está descrito da seguinte forma:

[. . .] tem por objetivo a formação de um profissional de Comunicação consciente da realidade em que vive, conhecedor da área de comunicação teórica, técnica e prática e apto a atuar, utilizando o seu potencial criador em benefício da sociedade de forma crítica. (JORNALISMO, 2009).

Santos e Silveira, (2000, p. 284), descrevem a gama de publicações que o Curso de Jornalismo executou em toda a sua trajetória, e adjetivam como “pródigo em publicações, como produto de suas disciplinas”, mas é importante destacar os dois periódicos que ainda remanescem, que são a Revista Três por Quatro (1972) e Sextante (1989).

No ano de 1992, no transcorrer dos 40 anos da Comunicação na UFRGS, os professores Sergio Roberto A. Rosa e Pedro Maciel escreveram um artigo contando a história do Curso e a Fusão com a Biblioteconomia, enfatizando que eram: “[. . .]

favoráveis à discussão imediata do processo de separação, resolvendo esse ‘casamento’ que começou de maneira errada e, se produziu os frutos que dele se esperava, hoje não parece ter mais razões para continuar existindo.” (ROSA, 1992, p. 10). O “casamento”, como se referiram os professores, não foi dissolvido, mas continuou a dar frutos, mesmo ainda não havendo uma integração tão grande entre alunos de graduação dos dois departamentos.

Em maio de 1995, a Câmara Especial de Pós-Graduação e Pesquisa, através da Resolução nº 009/95, autoriza a criação do Curso de Mestrado em Comunicação a partir do segundo semestre do mesmo ano.

Este projeto propõe a criação de um programa de Pós-Graduação em Comunicação, com a abertura da primeira de suas manifestações: o Curso de Mestrado. Futuramente, o programa pretende acolher ainda um Curso de Especialização e um Doutorado, a seu tempo, conforme a evolução natural do Programa em si, de seus corpos decentes e discentes.⁵

A implantação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Curso de Mestrado, só foi possível através do empenho de uma equipe formada pelos professores: Martha Geralda d’Azevedo, Flávio Vinícius Cauduro e Ione Bentz.

O curso de Mestrado apresentava primeiramente duas linhas de pesquisas que eram Comunicação e Processos Sócio-Culturais e Comunicação e Organização.

[. . .] em 1998 passou a chamar-se Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Informação. Em 2001 consolida-se como *stricto sensu*, com o Curso de Doutorado. Em uma política de valorização da interdisciplinaridade entre informação e comunicação e buscando a articulação desses conceitos. (OLIVEIRA; ROCHA, 2008, p. 389).

Dos Cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda pouco se sabe, em 2007 uma monografia com o título “O ensino no Curso de Publicidade e Propaganda da FABICO pautado por seus estudantes e professores”, de autoria de Louise S. Kanefuku, apresentou alguns aspectos sobre o currículo do curso, através de pesquisas entre alunos e professores, e trouxe mínimos dados históricos sobre o Curso, pois o objetivo não era tal.

⁵ Processo 23078021941/93-51. Projeto Curso de Mestrado em Comunicação, 1995. 304 f.

O currículo do Departamento de Comunicação Social foi alterado em 2009/1, fazendo com que haja uma aproximação entre o três Cursos nos primeiros semestres.



Figura 11 - Prédio da antiga Faculdade de Filosofia, onde o Curso de Jornalismo funcionava
Fonte: o autor.

5 AMBIENTE FABRICO (o que é)

O Fabrico, parte integrante da plataforma SNOTE, configura-se em um ambiente voltado para a produção do conhecimento. Sobre esse ambiente, Rocha (2009b), editou: “Trata-se de um ambiente em que conteúdos são produzidos por alunos e professores de forma continuada e colaborativa.” Utilizam-se ferramentas advindas da hodiernidade para organização do conhecimento, estas disponibilizadas no ambiente para uma melhor organização do conteúdo.

Atualmente, no ambiente Fabrico, são desenvolvidos três projetos: Comunicação e Informação através de Fragmentos (CIFrag), Centro de Informação e Memória da FABICO (CIM FABICO) e Casa de Cultura Otto Sthal.

É utilizado, para escrita coletiva, um ambiente Wiki; desse modo, textos podem ser criados e enriquecidos por todas as pessoas que são autorizadas a participar de algum projeto do Fabrico.

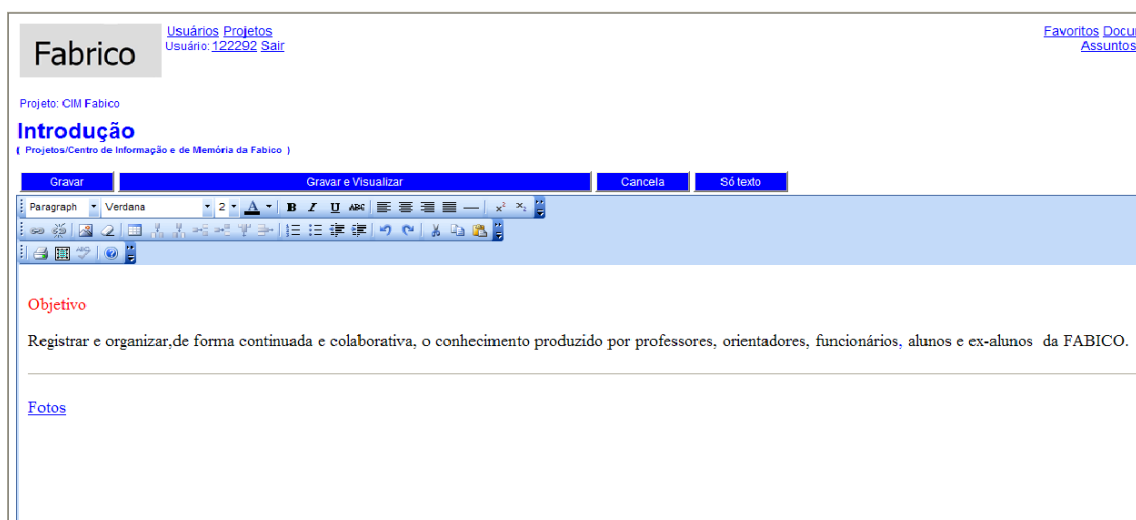


Figura 12 - Imagem do editor de texto do ambiente Fabrico

Fonte:

http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/edit_text.php?wikipage=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabico/introducao

Os textos podem ser criados diretamente no editor, que está descrito acima, pois possui todos os acessórios da barra de ferramentas existentes no *Word*. Esse

tipo de escrita, que se utiliza da coletividade, de certa forma quebra barreiras, já que pessoas com o mesmo interesse podem expressar suas idéias e construir textos, enriquecidos pela coletividade.

Uma base de dados de Referência ou Fonte – assim, o Fabrico é melhor classificado, podendo abrigar textos no próprio ambiente, o que se caracteriza como fonte, por abrigar documentos (pode ser chamado repositório, já que repositório é um tipo de Base de Fonte) e, também, através de links, remeter para outros endereços URL, característica de uma Base de Referência.



Figura 13 - Lista de textos

Fonte: http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/list_texts.php

Na figura acima, tem-se um exemplo de Base de Fonte; pois os textos que o diretório (pasta) Notas de Aula contém estão descritos à direita e alojados no próprio ambiente. Os diretórios são usados para uma melhor organização da informação no ambiente. Além das outras ferramentas utilizadas para este fim dentro do Fabrico, como as tags, tanto de pessoa como de assunto, a hierarquia através das ontologias e a expressão de busca (campo seleciona)⁶.

⁶ Disponível em:

<http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?u=/projetos/cv_grad/operacao/funcionalidades>. Acesso em: 30 out. 2009.

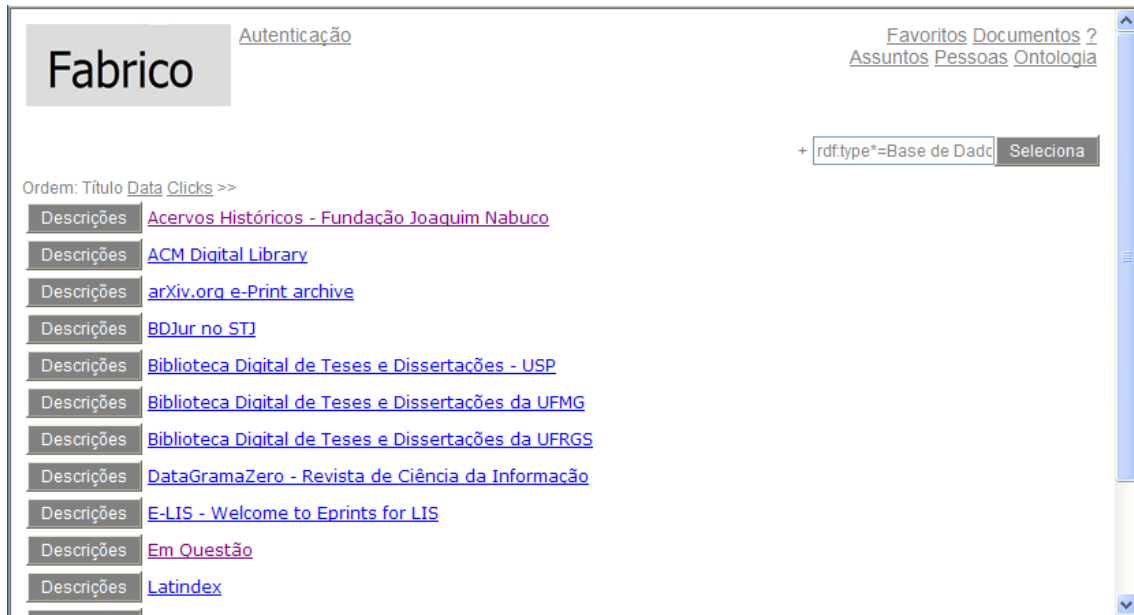


Figura 14 - Lista de links (bookmarks)
 Fonte: <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/seleciona.php>

Acima estão descritos alguns dos links, que o ambiente possui (bookmarks), os quais podem ser selecionados por qualquer colaborador e anexados no ambiente. No momento em que o link for selecionado, remeterá o usuário para a página web desejada (Base de Referência).



Figura 15 - Assunto "biblioteconomia"
 Fonte: <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/termo.php?id=biblioteconomia>

O Fabrico dá a possibilidade de que, tanto os textos, como os links, sejam descritos através de Ontologia e Folksonomia.

De tal modo, na Folksonomia os documentos com o mesmo tipo de assuntos, representados por metadados (Dublin Core), relacionam-se entre si, podendo ser selecionados através de uma nuvem de tags. Na figura acima, podemos ver que, sobre o assunto “biblioteconomia”, existem no ambiente 8 documentos, 5 relacionando Biblioteconomia à Ciência da Informação e 2 documentos à Arquivologia. Na ontologia, os assuntos ficam descritos através de classes dentro de uma hierarquia, sendo possível recuperar documentos ou endereços da web com o assunto selecionado.



M o d	Classe	Super-Classes	Propriedades
552	Mapa(*)	Diretas: Imagem Estática Indiretas: dctype:StillImage Imagem RecursoDeInformação Recurso dctype:Image	Herdadas: assunto cobertura colaborador criador data descrição direitos editor fonte formato identificador idioma relação resumo título
552	Agente(*)	Diretas: Recurso	Diretas: categoria cobertura dataDeNascimento email endereco identificação membroDe nome telefone
552	Animação(*)	Diretas: Imagem em Movimento Indiretas: Imagem RecursoDeInformação Recurso dctype:Image dctype:MovingImage	Herdadas: assunto cobertura colaborador criador data descrição direitos editor fonte formato identificador idioma relação resumo título
552	Apresentação(*)	Diretas: Texto Indiretas: dctype:Text RecursoDeInformação Recurso	Herdadas: assunto cobertura colaborador criador data descrição direitos editor fonte formato identificador idioma relação resumo título

Figura 16 - Classes de hierarquia

Fonte: <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/ontologia.php>

5.1 GESTÃO DO ACERVO DO PROJETO CIM / FABICO

O CIM FABICO (Centro de Informação e memória da FABICO), projeto que faz parte do ambiente Fabrico, utiliza-se de suas ferramentas para disponibilizar e

armazenar materiais que fazem parte da memória institucional da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

A política utilizada para o documento ou foto permanecer no CIM FABICO é a de ter relevância histórica, apontando algum momento da história da Faculdade, podendo permear-se com a história individual de cada um (o que cada pessoa tem a dizer sobre a FABICO), que fez ou faz parte da comunidade fabricana. Desta forma, alguns critérios foram utilizados na seleção do acervo: todos os depoimentos e entrevistas foram lidos, e excluídas aquelas que de certa forma não diziam respeito à memória institucional da Faculdade, como um depoimento de alguém que falava muito sobre sua vida pessoal, e atendimento preferencial no bar da Escola Técnica, cópias xerográficas de fotos, fotos relativas à FABICO sem procedência de autoria ou que pertençam a algum acervo - isto poderia implicar, em um outro momento, de a pessoa reclamar algum direito de exibição de material sem autorização. Cópias xerográficas de documentos, como por exemplo, a Portaria 714 e cópias escaneadas de artigos sobre a história da FABICO também foram descartadas. Todo o material depositado no ambiente Fabrico tem autorização dos alunos e entrevistados, assim como as fotos provenientes do Museu da UFRGS, as quais foram selecionadas por sua relevância histórica, a fim de enriquecer o projeto CIM FABICO. Porquanto fotos de antanho não há, as tiradas por este autor dos ambientes que compõem a FABICO, e as dos prédios da Universidade, têm, de certa forma, a ver com a história da Faculdade, testemunhando um estágio de seu desenvolvimento. Também foi elaborado um histórico com dados relevantes da instituição a partir de pesquisa bibliográfica.

5.2 TIPOLOGIA DOCUMENTAL DO CIM FABICO

O CIM FABICO é composto por dois tipos de documentos, os gráficos e os iconográficos.

Sobre os documentos gráficos, foram inseridos no portal entrevistas e um histórico feito através de levantamento em artigos e documentos sobre a Faculdade e alojados em um Wiki. Mesmo as entrevistas sendo documentos acabados, foram migradas para o editor de textos disponível no projeto e editadas. Já o histórico da Faculdade, pode sofrer alterações durante toda a vida útil do ambiente Fabrico, pois o Wiki possibilita essa vantagem, podendo ser inseridos dados por seus colaboradores toda a vez que fatos relevantes acontecerem. À medida que as entrevistas foram sendo lidas, foi-se construindo uma tabela dos assuntos que estão descritos nos documentos, além dos nomes do autor e dos entrevistados. Esse procedimento foi efetuado para uma melhor descrição no campo de assunto dos metadados e para a produção de tags, que realmente expressem o conteúdo explicitado nos documentos disponíveis em <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/termos.php>.

Os documentos iconográficos compõem-se de fotografias, algumas de contribuições de alunos, acervo do Museu da UFRGS referente à FABICO, as quais por orientação da equipe do museu devem ser sempre descritas com a seguinte frase “Imagem Museu da UFRGS”, e outras deste autor. As fotografias foram armazenadas em duas configurações: uma para a web e outra para fins de preservação digital. Na versão para preservação, foi adotado o formato jpeg, com alta resolução. Na versão Web, a fim de viabilizar a leitura rápida das fotos, as fotos tiveram sua resolução reduzida, ocupando em média 50 KB cada no projeto através de link, o endereço em que ficam alojadas utiliza um programa php para busca da imagem; desta forma, o administrador do ambiente Fabrico (professor Rafael Port da Rocha) pode ter o controle de quem acessa as imagens e até mesmo barrar o acesso as mesmas.

Desenvolveu-se um código para cada foto com duas letras e quatro dígitos, sendo possibilitado o crescimento do acervo fotográfico futuramente. Para fotos de alunos, as letras AL; para fotos do Museu, RG (código já existente no catálogo) e às fotos deste autor, JC.

Fabrico [Usuários](#) [Projetos](#) [Modelos](#) [Relatorio](#) [Favoritos](#) [Documentos ?](#)
 Usuário: [122292](#) [Sair](#) [Assuntos](#) [Pessoas](#) [Ontologia](#)

Projeto: +CIM Fabrico + [Seleciona](#)
 Modelo: +/CIM/Metadados Todos +

Descreve URI: (Para descrever via Bookmarks / Favoritos)

Ordem: Título Data Clicks

Descrições [cdd](#)
 Descriçãos [AL_0001](#)
 Descriçãos [AL_0002](#)
 Descriçãos [AL_0003](#)
 Descriçãos [AL_0004](#)
 Descriçãos [Fabrico - Projetos>](#)
 Descriçãos [Formatura](#)
 Descriçãos [Formatura](#)

[URI da consulta](#)

Figura 17 - Códigos das imagens no ambiente
http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/seleciona.php?selPr=tipo*=imagem_estática

Acima, algumas fotos já descritas no ambiente, com seus códigos.

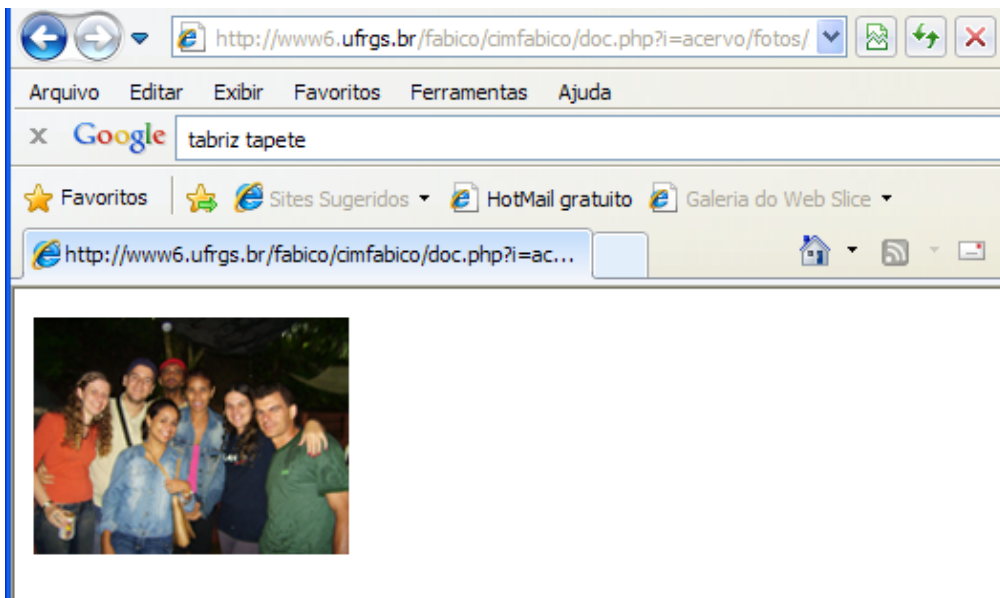


Figura 18 - Foto recuperada através do link
 Fonte: http://www6.ufrgs.br/fabrico/cimfabrico/doc.php?i=acervo/fotos/AL_0001.JPG

Supra, a imagem recuperada com um click no código e seu respectivo endereço de hospedagem.

Todo o Material depositado no CIM FABICO é descrito através de metadados (Dublin Core), assim, sua recuperação, será mais fácil, levando-se em consideração os campos descritores mais importantes da ferramenta, como título (do documento), autor (quem entrevistou ou tirou a foto), colaborador (quem deu a entrevista), assunto (descrição do assunto do documento), data (se o material tiver), editor (quem colocou a informação disponível), idioma, e alguns outros campos que se fizerem necessários durante a representação do conteúdo.

Fabrico [Usuários](#) [Projetos](#) [Modelos](#) [Relatorio](#) [Favoritos](#) [Documentos ?](#)
 Usuário: [122292](#) [Sair](#) [Assuntos](#) [Pessoas](#) [Ontologia](#)

Recurso : ?
http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?u=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabico/acervo/entrevistas_-_depoimentos/fernando_paganella_pires

Propriedade	Valor/objeto
assunto:	arquivologia cabam discentes docentes espaço físico da fabico fabico museologia regime militar
colaborador:	Fernando Paganella Pires
criador:	Amanda Fagundes Marcelo Ribeiro Bohn
editor:	Juliano Leal Camargo
idioma:	Português
tipo:	entrevista
título:	FERNANDO PAGANELLA PIRES (Projetos/Centro de Informação e de Memória da Fabico/Acervo/Entrevistas - Depoimentos)

Seleciona recursos relacionados:

Figura 19 - Metadados

Fonte:

http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/descricao.php?&uri_sujeito=http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?u=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabico/acervo/entrevistas_-_depoimentos/fernando_paganella_pires

Acima, vemos uma representação de metadados do projeto CIM FABICO. O campo assunto adota a estratégia de folksonomias, isto é, seus valores são construídos de forma livre e não autorizada, com isso o ambiente permite que as tags atribuídas nesse campo possam ser vistas através de nuvens, estratégia similar é adotada para os campos de autoria, isto é, autor e colaborador

Fabrico [Usuários](#) [Projetos](#) [Modelos](#) [Relatorio](#) [Favoritos](#) [Documentos ?](#)
 Usuário: [122292](#) [Sair](#) [Assuntos](#) [Pessoas](#) [Ontologia](#)

Projeto: +CIM Fabrico Todos
 Modelo: +CIM/Metadados

[Nuvem](#) [Ordem alfabética](#) [Frequência](#) [Evolução](#)

8 andares . amizade . ananda fagundes . anistiados políticos . arquivologia . ativistas do ira . bar da farmácia . bar da lena . biblioteca .
biblioteconomia . cabam . cadu . carlos urbim . ciclo básico . **comunicação** . conservação predial . contadores de histórias .
 cyntia wessflil . **discentes** . **docentes** . dops . empreendedorismo . enebd . erebd 2007 . erebd 2008 . espaço físico da fabrico . excursão . **fabrico** .
 faculdade de economia . feira do livro . fotografia . gráfica da ufrgs . grazielle mônaco . hora do conto . itália maria falceta da silveira . joão paulo i . jornalismo .
 jussara pereira dos santos . lenda da luana . luciane michel . mercado de trabalho . museologia . ppgcom . presidentes geisel e figueiredo . professora sara . qualidade de
 ensino . **regime militar** . trabalhos fotográficos . tracinha biblió . trote . ufj . vestibular . viagem . william . wladimir ungaretti .

Figura 20 - Nuvem de assunto

Fonte: <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/termos.php>

Fabrico [Usuários](#) [Projetos](#) [Modelos](#) [Relatorio](#) [Favoritos](#) [Documentos ?](#)
 Usuário: [122292](#) [Sair](#) [Assuntos](#) [Pessoas](#) [Ontologia](#)

Projeto: +CIM Fabrico Todos
 Modelo: +CIM/Metadados

[Imprimir](#)

[museologia](#)

Recursos: 1 ([selecionar](#))

Assuntos Relacionados: ([nuvem](#))

[arquivologia\(1\)](#) [cabam\(1\)](#) [discentes\(1\)](#) [docentes\(1\)](#) [espaço físico da fabrico\(1\)](#) [fabrico\(1\)](#) [regime militar\(1\)](#)

Classes Relacionadas: ([nuvem](#))

[entrevista\(1\)](#)

Colaboradores:

[122292\(1\)](#)

Evolução: (descrições/mês)

[2009-10 *\(1\)](#)
 Total: 1

Figura 21 – Assunto “Museologia”

Fonte: <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/termo.php?id=museologia>

Selecionando o assunto “museologia” da nuvem, pode-se verificar os assuntos que estão relacionados a ele.

Figura 22 - Nuvem de pessoas
 Fonte: <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/agentes.php>

Nuvem de pessoas, clicando no nome de uma pessoa existente na nuvem, aparece a tela contendo o nome da pessoa específica.

Figura 23 - Pessoa selecionada
 Fonte: <http://www6.ufrgs.br/fabrico/notes/agente.php?id=Fernando%20Paganella%20Pires>

Na tela do nome da pessoa aparece o número de citações que este nome tem dentro do ambiente em que está o projeto e as tags de assuntos relacionados a esta pessoa, isto é, a quantidade de recursos armazenados da BD que tiveram a autoria da pessoa. Com este sistema de busca, pode-se, por exemplo, voltar a um assunto e seguir a navegação ou visualizar a entrevista desta pessoa.

The screenshot shows the FABRICO web interface. At the top left, the word 'Fabrico' is displayed in a large, bold font. To its right, there are links for 'Usuários', 'Projetos', 'Usuário: 122292', 'Sair', 'Editar texto', 'Histórico', and 'Metadados'. On the top right, there are links for 'Favoritos', 'Documentos ?' and 'Assuntos', 'Agentes'. Below the header, the project name 'Projeto: CIM Fabrico' is shown. The main content area features the title 'FERNANDO PAGANELLA PIRES' in bold blue letters, followed by a breadcrumb trail: '(Projetos/Centro de Informação e de Memória da Fabico/Acervo/Entrevistas - Depoimentos)'. The interview text is organized into sections with bold headings: 'Entrevista com o aluno Fernando Paganella Pires, estudante do 4º semestre do curso de Biblioteconomia da FABICO/UFRGS', 'Como você conheceu a FABICO?', 'Qual foi sua primeira impressão sobre a FABICO?', 'O que você conhece sobre a história da FABICO?', and 'Como você conheceu o curso de Biblioteconomia?'. Each section contains a paragraph of text describing the user's experience and knowledge.

Figura 24 - Entrevista da pessoa selecionada

Fonte:

http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?wikipage=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabico/acervo/entrevistas_-_depoimentos/fernando_paganella_pires

Todo o material levantado por alunos (entrevistas e fotos) ficaria disperso um pouco com cada um, de nada adiantaria como contribuição para a memória institucional se não houvesse uma idéia de aglutiná-lo, esta idéia, no entanto parte de minha orientadora neste estudo, que ministrou a disciplina BIB 03202 2008/2 (História do Rio Grande do Sul Aplicada à Ciência da Informação) Guardando o material produzido por alunos para futuramente ser disponibilizado e fazer parte de um projeto de resgate de memória da Faculdade para que esta não tenha sua memória mergulhada em um rocio.

5.3 VANTAGENS E LIMITAÇÕES DA FERRAMENTA (FABRICO)

Uma das únicas limitações da ferramenta é o editor de texto, pois quando se faz a migração de documentos escritos em outro editor como o *Word*, fica muito difícil a formatação, mesmo passando para o bloco de notas e salvando o texto

novamente no editor, já que parte pressuposto que nele se cria o documento, e não no word. Ele não foi feito para receber documentos do word, por princípio, pois sua religião é wiki. Um exemplo de tal foi a referência de algumas entrevistas, em que o editor reconhecia o texto inteiro como negrito. Aí, a solução foi sublinhar o que deveria ser negrito na referência. Além desta limitação, apresenta-se outra, a que somente o detentor da senha administrador pode mudar fonte de letras de minúsculas para maiúsculas nos títulos dos documentos. Infelizmente essa modalidade não foi prevista no projeto, pois pode ser, mas pode ser implantada. Fora estes detalhes, a ferramenta apresenta muitas vantagens; uma delas, a de poder escrever em um ambiente colaborativo; outra, a da descrição ser feita por metadados, fazendo uso das folksonomias e, ainda, a de poder abrigar no próprio ambiente material bibliográfico para consulta e links que remetam a textos pertinentes ao assunto pesquisado. As vantagens certamente suplantam as limitações.

6 CONCLUSÃO

Através deste estudo, procurou-se fazer um levantamento de como a memória institucional é importante, merecendo ser preservada. Assim, tentou-se contribuir para o enriquecimento desta, buscando construir um mosaico sobre a memória da FABICO, conjugando os trabalhos dos alunos da cadeira BIB 03202 2008/2 (História do Rio Grande do Sul Aplicada à Ciência da Informação), o que deu o primeiro impulso para todo o restante das pesquisas. Evidenciou-se durante o estudo uma lacuna referente a materiais elucidativos que contassem um pouco da história dos cursos do Departamento de Comunicação, principalmente dos de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, material editado que contasse sua trajetória após a segunda metade da década de oitenta.

Do mesmo modo, com o Curso de Jornalismo, que é muito rico de material sobre seu período de mudança e depois vai apagando-se paulatinamente, à míngua de materiais editados que tenham a ver com sua história. Mesmo no atinente às entrevistas feitas pelos alunos, escasso é o material que diga respeito a pessoas entrevistadas do Departamento de Comunicação. Com isso, o projeto maior que abriga todo o material, que é o CIM FABICO inicia com uma deficiência, a qual pode ser corrigida, já que se refere a um ambiente virtual e a, qualquer momento, podem-se colocar materiais para enriquecimento desse ambiente.

O armazenamento do material em uma base de dados traz inúmeras vantagens, além da constante atualização. O custo é infinitamente menor e tem uma maior abrangência, diferentemente de uma edição impressa. Atualmente, o projeto conta com vinte e duas entrevistas, que tentam fazer um apanhado das experiências de seus atores no ambiente da FABICO, através de histórias vivenciadas e sensações experimentadas, transmitidas oralmente. E os materiais iconográficos até o dia 17 de novembro de 2009, somam-se num total de vinte, mas chegarão até o mês de dezembro a uma totalidade de setenta e oito fotos. Assim como as entrevistas, as fotos são descritas através de esquema de metadados, o que possibilita uma melhor recuperação do conteúdo descrito. O ambiente conta com um

histórico que contempla aspectos que as entrevistas, por serem das experiências pessoais de cada um, não abordaram ou abordam de uma maneira menos precisa.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. **A vida por um fio**. [S.l.], 2009. Disponível em: <http://www.viapolitica.com.br/pagina_view.php?id_pagina=179>. Acesso em: 12 nov. 2009.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALBERTI, Verena. Narrativas na História Oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos**. João Pessoa, PB: ANPUH, 2003.
- ASSEF, Marlon. **Retratos do exílio**: solidariedade e resistência na fronteira. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.
- BARROS, Moreno A. de. **Esfera pública online e o blog bibliotecários sem fronteiras**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006. Disponível em: <<http://infocultura.info/rabci/sites/default/files/morenotcc.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2009.
- BERWANGER, Ana Regina. **Ana Regina Berwanger** [out. 2008]. Entrevistador: Fernanda Cheiran e Pâmela Andrés. Porto Alegre, 2008. Anotações pessoais. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?titulowiki=/Projetos/Centro%20de%20Informação%20e%20de%20Memória%20da%20Fabico/Acervo/Entrevistas%20-%20Depoimentos/%20ANA%20REGINA%20BERWANGER>>. Acesso em: 13 out. 2009.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. Memória institucional e representação: do mundo das formas (árvore) ao universo do pensamento (rizoma). In: **Informare**: cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.67-72, jul./dez., 1996.
- CUNHA, Murilo Bastos da. Bases de dados no Brasil: um potencial Inexplorado. **Ciência da Informação**. Brasília, DF, v. 18, n. 1, p. 45-57, jan./jun. 1989.

DIAS, Claudia. **Pesquisa qualitativa:** características gerais e referências. [S. l.], 2000. Disponível em: <www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

DIFERENTES suportes para a memória. In: Boletim do Patrimônio Histórico, São Paulo, v.5, p. 11-13, ago. 1991.

FABICO. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/FABICO/>>. Acesso em: 14 out. 2009.

FACULDADE de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [S. l.], 2009. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Faculdade_de_Biblioteconomia_e_Comunica%C3%A7%C3%A3o_da_Universidade_Federal_do_Rio_Grande_do_Sul#Liag.C3.A7.C3.B5es_externas>. Acesso em: 12 out. 2009.

FOLKSONOMIAS. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/snote/wiki/doc.php?wikipage=/ensino/notasaula/folksonomias>> Acesso em: 18 out. 2009. Notas de aula.

FONTECHA, Alberto S. **Web 2.0.** Oviedo: Universidad de Oviedo, 2006. Disponível em: <<http://di002.edv.uniovi.es/~cueva/asignaturas/doctorado/2006/trabajos/web20.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2009.

GODOY, Ana Glenyr. **Ana Glenyr Godoy.** Entrevistador: Luiz Antônio Modesto da Cunha, 2008. Anotações pessoais. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/fabico/wiki/doc.php?u=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabico/acervo/entrevistas_-_depoimentos/ana_glenyr_godoy>. Acesso em: 10 out. 2009.

GONDAR, Jô. Quatro: posições sobre memória social. In: _____; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

JEZUS, Letícia Kalata de. **Recortes de memória & esquecimento:** um projeto de comunicação para a FABICO/UFRGS a partir da voz de seus autores sociais. Porto Alegre. 2006. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

JORNALISMO. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/jornalismo.htm>>. Acesso em: 14 out. 2009.

LOPES, Vânia. **Bitbiblo**. [S. l., 2008?]. Disponível em: <<http://bitbiblio.blogspot.com/search/label/Wikis>>. Acesso em: 24 out. 2009.

LOURENÇO, Cíntia Azevedo. Metadados: o grande desafio na organização da *Web. Inf. & Soc.*: Est., João Pessoa, v.17, n.1, p.71-80, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/cintialourenco/downloads/466-986-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2009.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. Os Senhores da Memória e do Esquecimento. **Transinformação**, v. 10, n. 1, p. 87-96, jan./abr., 1998.

MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto. Memória institucional e gestão universitária: o caso da Universidade Federal da Bahia. **Cadernos do BAD**, Lisboa, n.2, p. 33-56, 2005.

MIRANDA, Májory.; OLIVEIRA, Lizete Dias de.; ROCHA, Rafael Port da.; MIRANDA, Alexandre. Web Social: impacto no comportamento informacional na produção do conhecimento. In: ENCONTRO IBÉRICO EDIBCIC, 4. Brasil, 2009.

NAVARRO, Vinícius Mitto. **A formação em arquivologia na cidade de Porto Alegre**: dos cursos livres à graduação universitária. Porto Alegre. 2008. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NUVEM de tags. In: Wikipédia. [S. l., 200-]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nuvem_de_tags>. Acesso em: 18 out. 2009.

OLIVEIRA, Lizete Dias de; ROCHA, Rafael Port da. Da fragmentação da informação: o caso dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: Encuentro Ibérico de Docentes e Investigadores en Información y Documentación, 3., 2008, Salamanca, Espanha. p.386-399.

PINTO, Ana Maria Bresolin. **35 anos de ensino de Biblioteconomia em Porto Alegre**: levantamento histórico do Curso de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Associação Rio-Grandense de Bibliotecários: Porto Alegre, 1984.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000. v. 42. (Sistemática), p. 507-516.

PRIMO, Alex. O Aspecto Relacional das Interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, DF, 2007, v. 09, p. 1-21.

ROCHA, Rafael Port da. **BD de referência ou fonte**: interoperabilidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009a. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/snote/wiki/doc.php?wikipage=/ensino/notasaula/bd_de_referencia_ou_fonte_-_interoperabilidade>. Acesso em: 12 out. 2009.

ROCHA, Rafael Port da. **FABRICO**: principal. Porto Alegre: UFRGS, 2009b. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/fabrico/wiki/doc.php?wikipage=/projetos/fabrico/principal>>. Acesso em: 28 out. 2009.

ROCHA, Rafael Port da. **Metadados Dublin Core**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/snote/wiki/uploads/190_2008-04-04-08-50-07.pdf>. Acesso em: 23 out. 2009.

ROCHA, Rafael Port da. Metadados, web semântica, categorização automática: combinando esforços humanos e computacionais para a descoberta e uso dos recursos da web. In: **Em Questão**, v.10, n. 1, p.109-121, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/emquestao/doc/EmQuestaoV10_N1_2004_art07.pdf>. Acesso em: 17 out. 2009.

ROCHA, Rafael Port da. **Tipos de Bases de Dados**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/snote/wiki/doc.php?wikipage=/ensino/notasaula/tipos_de_bases_de_dados>. Acesso em: 24 out. 2009. Notas de aula.

SANTOS, Jussara Pereira; SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. FABICO, fragmentos de uma trajetória. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v.8, p. 275-290, jan./dez. 2000.

SARMENTO, Adriana Godoy da Silveira. **Adriana Godoy da Silveira Sarmento**: [out. 2008]. Entrevistado por: Lueci da Silva Silveira e Mariele Luzzi. Porto Alegre, 2008. Anotações pessoais. Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/fabricao/wiki/doc.php?wikipage=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabricao/acervo/entrevistas_-_depoimentos/adriana_godoy_da_silveira_sarmento_\(30_out._2008\)](http://www6.ufrgs.br/fabricao/wiki/doc.php?wikipage=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabricao/acervo/entrevistas_-_depoimentos/adriana_godoy_da_silveira_sarmento_(30_out._2008))>. Acesso em: 10 out. 2009.

SOUZA, Marcia Izabel Fugisawa; SANTOS, Adriana Delfino dos; OLIVEIRA, Maria José de; ULHOA, Maria Antonia Martins de Cintra; VENDRUSCULO, Laurimar Gonçalves. **Informação para internet**: uso de metadados e o padrão Dublin Core para catalogação de recursos eletrônicos na Embrapa. [S. l., 2000]. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000702/01/T042.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2009.

TAVARES, Marlene. **Marlene Tavares**. Entrevistador: Denise Mantiacca dos Santos, 2008. Anotações pessoais. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/fabricao/wiki/doc.php?wikipage=/projetos/centro_de_informacao_e_de_memoria_da_fabricao/acervo/entrevistas_-_depoimentos/marlene_tavares>. Acesso em: 10 out. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Relatório**: reitorado do professor Eliseu Paglioli : 13 de agosto de 1952 a 13 de abril de 1964. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, [1964].

WEBER, Maria Helena. **Depoimentos**: fabricana de 70 a 73: coordenadora da Pós-Graduação. Porto Alegre, 200-]. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20030405224613/www.ufrgs.br/fabricao/fabricao30/mariaweber.html>>. Acesso em: 10 out. 2009.

WIKI. [S. l., 200-]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>>. Acesso em: 24 out. 2009.